



ARTE/CULAR

Vivências e diálogos da arte com o patrimônio cultural e a museologia

Francisco Moisés Santos Rêgo



ARTE/CULAR

Vivências e diálogos da
arte com o patrimônio
cultural e a museologia

Francisco Moisés Santos Rêgo

FRANCISCO MOISÉS SANTOS RÊGO

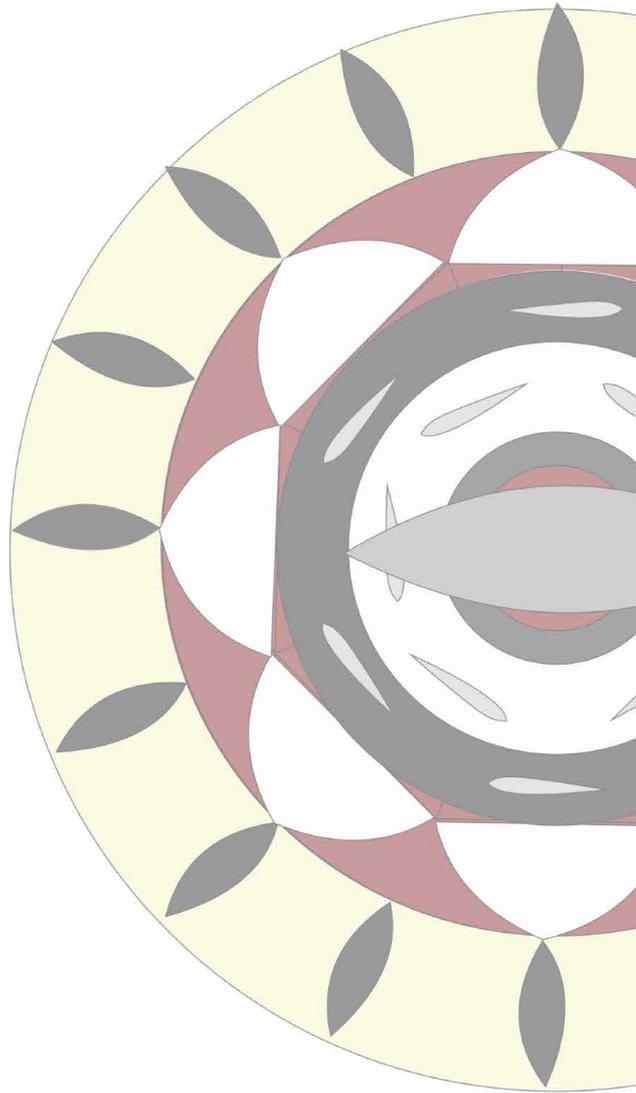
ARTE/CULAR

**Vivências e diálogos da arte com o patrimônio
cultural e a museologia**

Trabalho Final apresentado ao Programa de
Pós-Graduação em Artes, Patrimônio e Museologia,
da Universidade Federal Delta do Parnaíba - UFDPAr
como requisito para obtenção do título de mestre.

Edital nº 01/2018 5ª Turma | 2019-2021

Orientadora: Profª Drª Rita de Cássia Moura Carvalho.



© **Copyright**

Francisco Moises Santos Rêgo

ARTE/CULAR: Vivências e diálogos da arte com o patrimônio cultural e a museologia

Créditos

Este Relatório é um dos resultados finais de pesquisa-ação sob o título “ARTE/CULAR: Vivências e diálogos da arte com o patrimônio cultural e a museologia”, desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia, Mestrado Profissional, da Universidade Federal do Delta do Parnaíba.

Universidade Federal do Delta do Parnaíba

Reitor

Prof. Dr. Alexandre Marinho Oliveira

Vice-reitor

Prof. Dr. José Natanael Fontenele de Carvalho

Pró-reitor de Pós-graduação, Pesquisa e Inovação

Prof. Daniel Fernando Pereira Vasconcelos.

Coordenador do Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia

Prof. Dr. Josenildo de Sousa e Silva

Subcoordenadora

Prof^a. Dr^a. Áurea da Paz Pinheiro

Orientadora

Prof^a. Dr^a. Rita de Cássia Moura Carvalho

Capa, projeto gráfico e editoração eletrônica

Francisco Moises Santos Rêgo

FICHA CATALOGRÁFICA

Universidade Federal do Delta do Parnaíba
Biblioteca Prof. Cândido Athayde – Parnaíba
Serviço de Processamento Técnico

R343a Rêgo, Francisco Moisés Santos.

Arte/cular: Vivências e diálogos da arte com o patrimônio cultural e a museologia. [recurso eletrônico] /
Francisco Moisés Santos Rêgo. – 2021.

1 Arquivo em PDF

Dissertação (Mestre em Artes, Patrimônio e Museologia) - Universidade Federal do Delta do Parnaíba, UFDPAr, 2022.

Orientação: Prof.^a. Dr^a. Rita de Cássia Moura Carvalho.

1. Arte. 2. Patrimônio Cultural. 3. Museologia. 4. Museu da Vila. 5. Piauí. I. Título.

CDD: 707.22

FRANCISCO MOISÉS SANTOS RÊGO

ARTE/CULAR:

Vivências e diálogos da arte com o patrimônio cultural e a museologia

Trabalho Final apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Artes, Patrimônio e Museologia, como requisito para obtenção do título de mestre.

Edital nº 01/2018

5ª Turma | 2019-2021

Orientadora: Profª Drª Rita de Cássia Moura Carvalho..

Aprovado em: 28 de Março de 2022

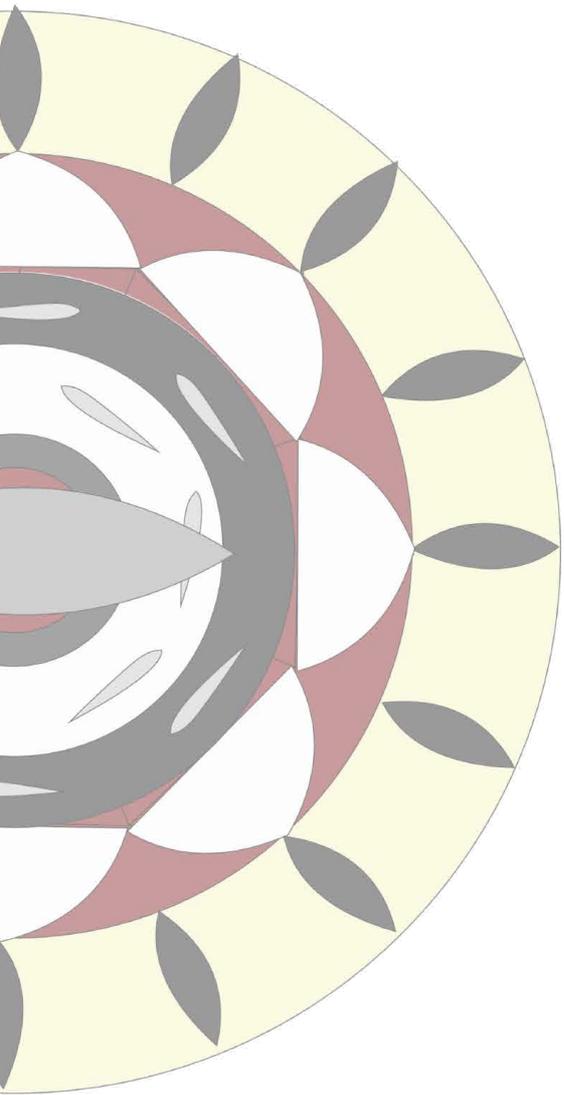
BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Rita de Cássia Moura Carvalho (Orientadora)
Universidade Federal do Piauí/Universidade Federal do Delta do Parnaíba

Profª. Drª Áurea da Paz Pinheiro (Examinadora Interna)
Universidade Federal do Piauí/Universidade Federal do Delta do Parnaíba

Prof. Dr Paulo Emílio Macedo Pinto (Examinador Externo)
Universidade de Pernambuco

Luís Correia (PI), 28 de Março de 2022



DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Eu, Francisco Moisés Santos Rêgo, com o título “ARTE/CULAR: Vivências e diálogos da arte com o patrimônio cultural e a museologia” é o resultado de estudos e intervenções no Programa de Pós-Graduação, em nível de Mestrado Profissional, em Artes, Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Piauí – UFPI – Universidade Federal do Delta do Parnaíba - UFDPAr. O conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas na bibliografia ou outras listagens de fontes documentais, tais como todas as citações, diretas ou indiretas, têm devida indicação ao longo do trabalho, segundo as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).



Francisco Moisés Santos Rêgo

Luís Correia (PI), 28 de Março de 2022

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Em atendimento ao Artigo 6º da Resolução CEPEX nº 021/2014, autorizo a Universidade Federal do Piauí – UFPI – a disponibilizar gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, o texto integral ou parcial da publicação supracitada, de minha autoria, em meio eletrônico, no Repositório Institucional (RI / UFPI), no formato especificado para fins de leitura, impressão e/ou download pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada pela UFPI a partir desta data.

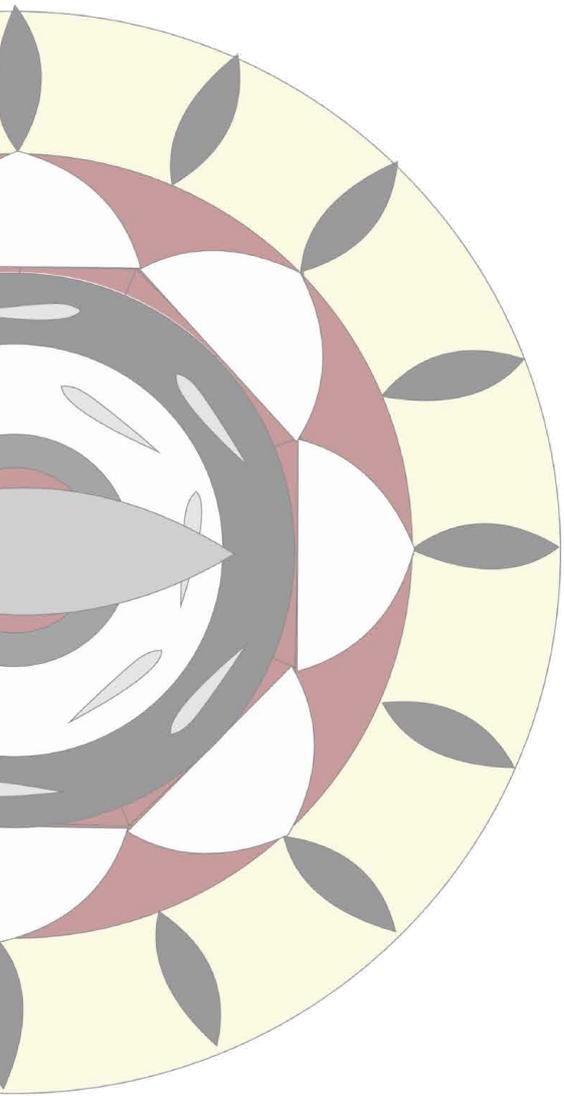
Luís Correia (PI), 28 de Março de 2022.


~~Francisco Moisés Santos Rêgo~~

[...] Tudo que morre fica vivo na lembrança
Como é difícil viver carregando um cemitério na cabeça
Mas antes que eu me esqueça
Antes que tudo se acabe
Eu preciso, eu preciso dizer a verdade[...]

(Composição: Álvaro, Bruno, Sheik, Miguel, Coelho
Música: Impossível - Biquini Cavado. 1991).

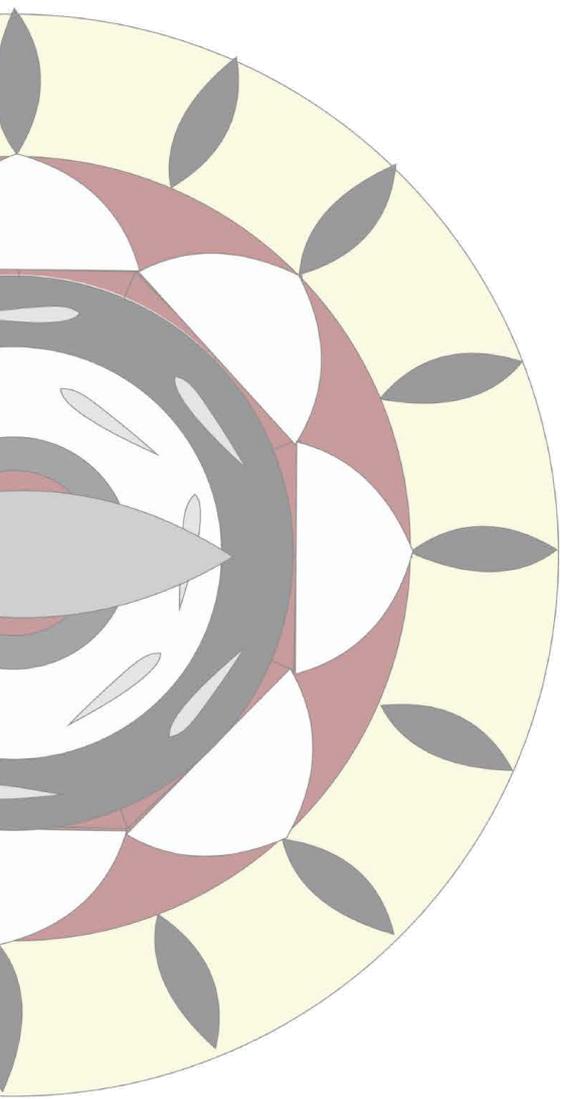
Às almas esquecidas e perdidas no Cemitério dos Anjos.



RESUMO

Ao longo dos seis primeiros meses de 2021, estive a residir na Vila-bairro Coqueiro da Praia, em Luís Correia, sede do Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia e do Museu da Vila. O município faz parte da Área de Proteção Ambiental Delta do Parnaíba, criada em 1996. Nesse período, compartilhei dia a dia as vivências e experiências, as memórias individuais e coletivas de famílias residentes na Vila, com vidas atravessadas pelas artes de pesca artesanal, descendentes de populações originárias do lugar, que viviam em harmonia com a natureza a criar filhos, netos, primos, sobrinhos, uma concepção de família alargada, que inclui a comunidade católica da padroeira - Nossa Senhora do Livramento. Fiz parte do grupo coral da Igreja, estabeleci laços de solidariedade e tive o privilégio de ser acolhido para realizar um trabalho de arte/educação, de percepção de mim e do outro, de conhecimento e reconhecimento do rico e complexo patrimônio e paisagem cultural desta Vila singular. Estive imerso no trabalho de reconstrução de memórias e histórias, registrei-as em desenhos, sons, imagens, fotografias, maquete em argila, para documentar e comunicar uma das referências culturais - o cemitério dos anjos, profanado pelo avanço da especulação imobiliária. Usei a pesquisa social aplicada, com destaque para a pesquisa qualitativa, participativa, associada à história oral e às práticas artísticas. Usei também a pesquisa-ação, pesquisa bibliográfica associada à pesquisa de campo à minha imersão na Vila para conhecer suas lógicas sociais, geografia, cultura, pessoas, patrimônios natural e cultural, tempo em que foi possível interagir com as pessoas, com os lugares que tomam como referência cotidiana. Como um dos resultados deste trabalho, apresentamos documentários, uma exposição no Museu da Vila e um projeto arquitetônico/artístico para construção da Praça dos Anjos, antigo Cemitério dos Anjos.

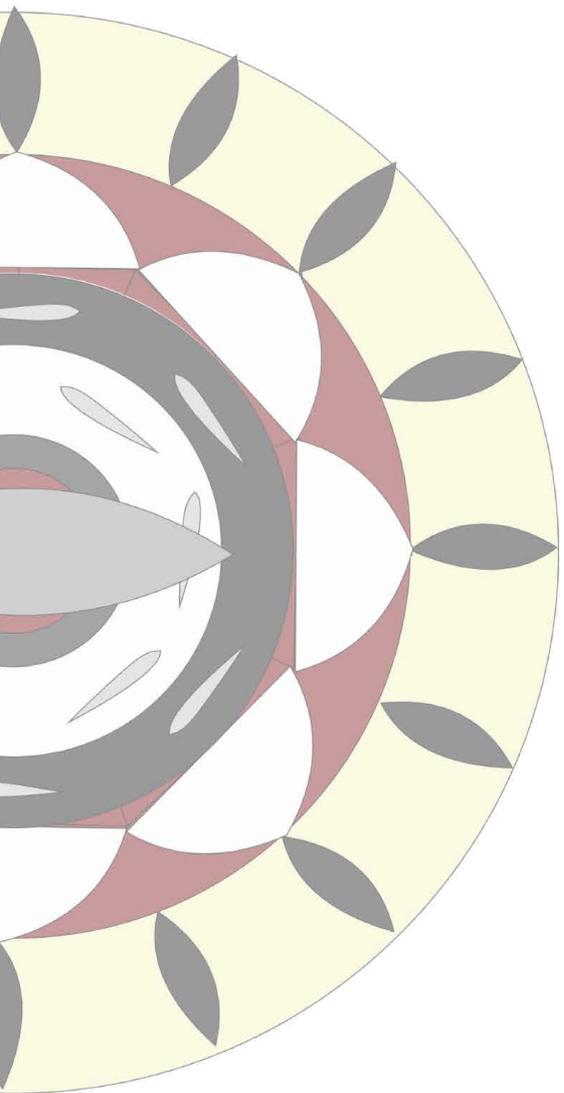
Palavras-Chaves: Arte; Patrimônio Cultural; Museologia; Museu da Vila; Piauí



ABSTRACT

During the first six months of 2021, I lived in Vila-Bairro Coqueiro da Praia in Luís Correia, Postgraduate Program in Arts, Heritage and Museology, and the Village Museum headquarters. The municipality is part of the Delta do Parnaíba Environmental Protection Area, created in 1996. During this period, I was part of the daily memory experiences of individuals and families residing in the village, where their lives were a mixture of artisanal fishing arts. The descendants of native populations lived in harmony with nature, raising children, grandchildren, cousins, nephews, a concept of extended family, which includes the Catholic community of the patron saint - Nossa Senhora do Livramento. I was part of the Church's choral group, establishing bonds of solidarity, and had the privilege of being welcomed to carry out a work of art/education, which gave a perception of myself and others, knowledge, and recognition of the rich and complex cultural heritage and landscape of this singular Village. The Cemetery of Angels, One of their cultural references, was desecrated because of the real estate speculation's advance and was reconstructed by me in drawings, sounds, images, photographs, and clay models to register the memories and stories of this cultural reference. Social Apply research was used to emphasize qualitative and participatory research associated with oral history and artistic practices. I also, when possible, immersed myself in the village to interact with people, at places where they have as a daily reference, to understand its social logic, geography, people, natural and cultural heritage, using action and bibliographical research associated with the field research. As one of the results of this work, we present documentaries, an exhibition at the Village Museum and an architectural/artistic project for the construction of Praça dos Anjos, former Cemetery of Angels.

Keywords: Art; Cultural heritage; Museology; Museum of the Village; Piauí



LISTA DE SIGLAS

AMBC – Associação de Moradores do Bairro Coqueiro da Praia – Luís Correia

APA – Área de Proteção Ambiental

ICMBIO - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

PPGAPM - Programa de Pós-graduação em Artes, Patrimônio e Museologia

UFDPAr - Universidade Federal do Delta do Parnaíba

UFPI - Universidade Federal do Piauí

ECOMUDE – Ecomuseu Delta do Parnaíba

MUV - Museu da Vila

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Pescadores da praia do coqueiro, removendo o barco do mar para manutenção após retorno de uma pescaria. Luís Correia - Piauí -Brasil. Foto de Moisés Rêgo

Imagem 2 - Gráfico apresentando a intercessão da Arte, patrimônio e educação dentro do campo da museologia para acompanhamento da problemática das transformações urbanas.

Imagem 3 - Objeto artístico tridimensional, instalação - lixo - repositório. Foto: Moisés Rêgo.

Imagem 4 - Apresentação do objeto artístico com trabalho de educação patrimonial, organizado pelo Mestrado de Arte Patrimônio e Museologia da UFDPAr com os moradores da praia do coqueiro, em especial as crianças do território. Foto: Moisés Rêgo.

Imagem 5 - Processo de construção da maquete da antiga escola Deputado João Pinto. Foto: Moisés Rêgo.

Imagem 6 - Cemitério dos Anjos. Imagem compartilhada por Bruna Negreiros, de autor desconhecido. Fonte:Instagram @praiadocoqueiro. Ano e autor desconhecidos.

Imagem 7 - Representação de uma família de pescadores e seus filhos “anjos”. Ilustração Moisés Rêgo.

Imagem 8 - Esboço do projeto paisagístico para distribuição das plantas e das flores no terreno. Ilustração Moisés Rêgo.

Imagem 9 - 3D da Primeira proposta arquitetônica, com a escultura de proporção de 500 cm de altura. Ilustração digital Bruna Negreiros.

Imagem 10 - 3D da proposta atual arquitetônica, com a escultura de proporção de 350 cm de altura. Ilustração Érica Galvão.

Imagem 11 - Processo de construção da maquete, objeto escultórico tridimensional para Praça dos Anjos. Foto: Moisés Rêgo.

Imagem 12 - Maquete em argila, objeto escultórico tridimensional para Praça dos Anjos. Foto: Moisés Rêgo.

Imagem 13 - Apresentação dos filmes da série “Memórias de Areia”, Pedro - O filho do pescador . Disponível no endereço eletrônico: <https://youtu.be/LaBjdhkUgII>. Foto: Moisés Rêgo.

Imagem 14: Valicia Bathes in Sunday Clothes, 1996. Vik Muniz, Obra: Acervo Smithsonian American Art Museum.

Imagem 15: Antônio José Galeno, imagem retirada do primeiro registro audiovisual da série documental “Memórias de Areia”, O pescador. Disponível no endereço eletrônico: <https://youtu.be/I0-KGsgMD2o>. Edição Gráfica: Moisés Rêgo.

Imagem 16: Sessão de imersão em prática artística. Referência da mediação do filme: “Memórias de areia” - O pescador. O Sr. Antônio da Laura. Na imagem, as pesquisadoras Cássia Moura e Bruna Negreiros, constroem o desenho da personagem do filme. Foto: Moisés Rêgo.

Imagem 17: Atividade de imersão na prática artística: “Memórias de areia”. Foto: Moisés Rêgo.

Imagem 18: Resultado da construção coletiva da imersão em arte: “Memórias de areia”. Feita pelos pesquisadores e residentes na vila do coqueiro da Praia, rosto do Sr. Antônio da “Laura”, o pescador.

Imagem 19: Representação gráfica de um mapa aéreo da Vila Bairro Coqueiro com pontos localizando as áreas de construção da pesquisa. Ilustração: Moisés Rêgo.

Imagem 20: Representação gráfica de um mapa aéreo da Vila Bairro Coqueiro com pontos localizando as áreas de construção da pesquisa formando um farol a partir de suas interseções. Ilustração: Moisés Rêgo.

Imagem 21: Ministério de Música Nossa Senhora do Livramento em apresentação na igreja Matriz de Luís Correia durante o festejo de Bom Jesus dos Navegantes, a direita, pesquisador Moisés Rêgo na percussão (Cajon) ao lado de Bruno no Violão. Foto: Moisés Rêgo.

Imagem 22: Prática artística com os familiares de Dona Zila, após a exibição do filme “Zila, a mulher de um pescador” com o uso da areia da praia. Foto: Moisés Rêgo.

Imagem 23: Montagem da exposição “Memórias de areia”, processo. Foto: Moisés Rêgo.



SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

1.1 Estudo do Contexto	27
1.2 Pergunta de Partida	32
1.3 Hipótese	34
1.4 Problema	37
1.4.1 O Cemitério	37
1.4.2 O desenho: Monumento dos anjos	39
1.4.3 A maquete	43
1.4.4 O cemitério, os residentes e as “memórias de areia”	44
1.5 Públicos	51
1.6 Objetivos	51
1.6.1 Geral	51
1.6.2 Específico	51
1.7 Justificativa	52

2 REVISÃO DE LITERATURA	53
-------------------------	----

3 MÉTODOS E TÉCNICAS	55
----------------------	----

4 TIPO DE PESQUISA	61
--------------------	----

5 LOCAL DE ESTUDO	63
-------------------	----

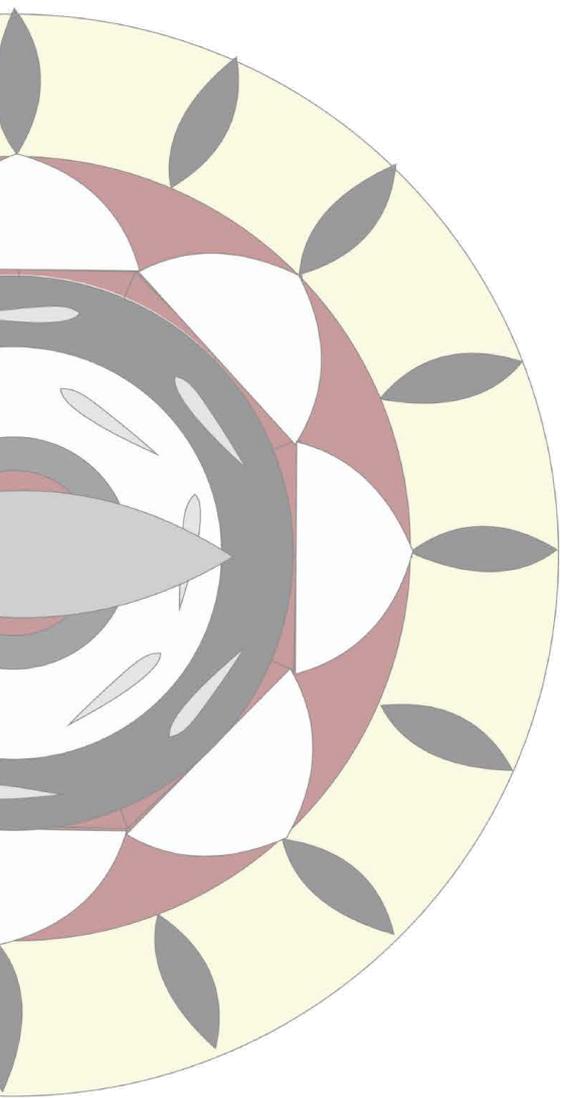
6 COLETA DE DADOS	63
-------------------	----

7 MATERIAIS	64
-------------	----

8 ASPECTOS ÉTNICOS	66
--------------------	----

9 CONCLUSÃO E ANÁLISE DE DADOS	68
--------------------------------	----

10 REFERÊNCIAS	70
----------------	----



1

Introdução

1.1 Estudo do contexto

Declarado em 1995 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) Patrimônio Cultural da Humanidade, o Parque Nacional Rapa Nui, localizado na ilha de páscoa, na província chilena, guarda o maior acervo tridimensional escultórico de pedra conhecido como MOAI, construído entre 1250 a 1500 anos d.C. pela etnia Rapanui. São mais de 850 esculturas com 4 a 6 metros, que pesam de 1 a 27 toneladas, incluindo uma com 21 metros de altura. (Rapanui. Passado-presente-futuro.2011).

Em 1500 a 1300 a.C, no antigo Egito, uma de suas expressões de arte estavam representadas em painéis bidimensionais, uma arte sequencial, seguida de textos figurativos que narravam a vida em sociedade, um mundo material e espiritual.

Em um recorte cronológico entre 1500 a.C a 1500 d.C, observando a linguagem arte como elemento formador de signos, percebeu-se, em dois grupos étnicos de culturas variadas, os vestígios de suas histórias por intermédio de seus artefatos. Ambos utilizaram a arte como instrumento de comunicação, de memória, com marcas de religiosidade e caráter funerário. Ao mesmo tempo, além de ser a forma mais precisa de se manterem ligados às divindades, esses grupos étnicos criaram uma linguagem que educava cada geração de seu presente e futuro, graças aos registros de suas identidades em painéis bidimensionais e objetos tridimensionais.

Os dois grupos étnicos Rapanui e Egípcios não construíram suas artes simplesmente por fatores decorativos ou contemplativos, mas para afirmarem suas próprias realidades e reflexões, as marcas de suas memórias e histórias. Como afirma Gell (1996, p.03) “A obra de arte não serve somente para ser contemplada na pura beleza e harmonia das suas formas, ela age sobre as pessoas, produzindo reações cognitivas diversas.

Os artistas daqueles períodos eram herdeiros de grupos étnicos que experimentaram formas, materiais, instrumentos e pigmentos; eram inventivos, que se expressavam das mais variadas dimensões comunicativas com a arte, portanto, a organização visual de seus trabalhos não era aleatória.

Dr^a Els Lagrou (2010) afirma que esses artistas visavam com suas obras provocar um processo cognitivo no espectador que se torna, dessa maneira, participante ativo na construção da obra, à procura de possíveis chaves de leitura.

A arte construída naqueles períodos impactava a todos de sua época pela maneira que ela se apresentava, ou eram grandiosas ou impressionaram pela minuciosidade dos detalhes, principalmente porque não era qualquer indivíduo que podia exercer a função de artista, era necessário um domínio técnico e de extrema habilidade. Com isso, restringia-se para alguns e isso os tornavam especiais diante dos demais. Eram portadores de um poder e capacidade perceptiva inexplicável para a época, assim, esses artistas encantavam, doutrinavam e educavam os olhares do seu tempo.

No ano de 1960, a Ilha de Páscoa foi surpreendida com um tsunami que atingiu parte das 15 esculturas Moais de pedra que formavam um Ahu Tongariki¹ com 220 metros de extensão, localizados às margens do Oceano Pacífico e que estavam alinhadas. As peças foram espalhadas pela força do vento e das águas, mas graças a UNESCO, o governo japonês restaurou as esculturas no ano de 1990 utilizando um guindaste moderno para realinhamento e organização das obras em parceria com a empresa Tadano², que depois doou seus equipamentos para o Parque Nacional Rapa Nui. Foi um trabalho multidisciplinar dirigido e coordenado pelos arqueólogos Claudio Cristino e Patrícia Vargas. Uma atitude de sensibilização e reconhecimento dos valores patrimoniais.

Em 1º de fevereiro de 2011, a Revista Exame publicou um pedido da UNESCO para a proteção do patrimônio cultural no Egito, tratava-se de “[...] monumentos e as obras de arte do patrimônio cultural egípcio que fazem parte do legado ancestral da humanidade deixado ao longo dos séculos”. (Diretora Geral da Unesco, Irina Bokova). Esse pedido foi apresentado devido aos conflitos internos políticos e sociais que, naquele período, comprometiam os vestígios históricos da formação identitária da etnia. Esses conflitos eram a afirmação das transformações urbanas, pois quanto maior a concentração populacional em um território, maior será a probabilidade dos conflitos, porque cada grupo almeja uma necessidade e um desejo.

Esse cuidado é o reconhecimento simbólico pelo valor que atribuem ao patrimônio cultural que cada território possui por meio da sua existência e que levam a conservação de seus objetos por narrarem a vida e a formação de grupos étnicos.

1 - Altar Cerimonial.

2 - É a maior empresa japonesa fabricante de guindastes e de plataformas aéreas.

Distante 348 km da capital Teresina, Estado Piauí, está a cidade litorânea de Luís Correia, um dos dez municípios que integram a Área de Proteção Ambiental (APA) Delta do Parnaíba. Dentre os bairros de Luís Correia, está Coqueiro da Praia, lugar habitado por remanescentes de povos originários que viviam entre rio e mar, figura 01:

Figura 01: Pescadores da praia do coqueiro, removendo o barco do mar para manutenção após retorno de uma pescaria. Luís Correia - Piauí -Brasil.



Foto: de Moisés Rêgo

Uma vila de pescadores artesanais, onde seus moradores resistem às dinâmicas do tempo presente, que não possui Moais e nem registros de arte egípcia, mas possui, igualmente, detentores de riquezas, habilidades e domínio de materiais e símbolos de sobrevivência associado ao ofício e modos de saber-fazer das artes de pesca, construção de canoas, redes, agulhas, remos, fateixas³, artefatos diversos,

3 - Uma espécie de âncora artesanal feita de madeira e pedra, usada por jangadas e canoas de pescadores.

além de uma culinária, um patrimônio cultural (PINHEIRO, 2015) em processo de investigação, documentação, salvaguarda e comunicação, de habitantes e personagens, cujas identidades atravessam suas memórias, que são ressignificadas no viver cotidiano no território, que se transforma com os avanços da globalização, a orla da praia do Coqueiro, que integra a Área de Proteção Ambiental (APA) Delta do Parnaíba e que passa por modificações que afetam o viver em comunidade.

Em 1996, a APA Delta do Parnaíba foi criada, dela faz parte todo o litoral do Piauí, aproximadamente 66 km. Somente em 2018, foram iniciados os trabalhos de construção do plano de manejo, portanto dez anos após a sua criação. Há um esforço da gestão do ICMBio em envolver comunidades residentes, empresas públicas, privadas e sociais, nessa construção. Vivemos um momento de reflexão e mobilização, com um olhar atento sobre o patrimônio cultural do território. A criatividade, interação e interatividade se fazem urgentes; o momento nos suscita o desejo de estarmos juntos a ouvir, expressar pensamentos, dialogar sobre um mal-estar do patrimônio cultural na atualidade deste território. (PINHEIRO, 2018, texto disponível no website do Programa de Pós-graduação, Mestrado Profissional, em Artes, Patrimônio e Museologia - <<http://www.posgraduacao.ufpi.br//museologia>>)

Os diálogos com os moradores me fizeram perceber o prazer que têm em narrar suas memórias, criando uma rede de informações que colaborou na reconstrução de um conjunto de memórias e histórias subterrâneas (POLLAK, NORA, Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.), soterradas com as transformações sociais e econômicas que marcam a vida das pessoas, que alteram suas condições de existir, provocada pela globalização, o que inclui a especulação imobiliária.

Nossa sociedade é 'cronófoga', pois não sabe mais como habitar o tempo, como perder tempo. A relação do tempo, da memória e da identidade é forte e pode nortear a origem do indivíduo. Os marcos temporais deixam aparecer os mitos de origem, nos quais fundam-se as identidades. (CANDAUI, 2011, p.219).

O que se perde é o que não é lembrado, não visto, esquecido, enterrado. Observando os Moais, imagino a grandiosidade de suas construções, o respeito para com a sua própria etnia, o que repercutiu e criou um empoderamento, um sentido de pertença ao território no qual esse imaginar está na existência do patrimônio cultural que reconhecem. A Arte traduz e dialoga com o tempo, atravessando gerações. Como acompanhar e perceber o patrimônio cultural de uma comunidade que vive em constantes transformações? Sua existência, modos de ser e viver traduzem os diferentes tempos das memórias que atravessam gerações.

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas vulnerável a todos os usos e manipulações susceptíveis de longas latências e de repentinas revitalizações, NORA, 1993, p. 09.

Os moradores da Vila-bairro Coqueiro da Praia têm suas vidas marcadas pelas artes de pesca artesanal, pelo ofício e modos de saber-fazer, que dia após dia se fragiliza e se perde. Os senhores da pesca artesanal estão morrendo e os jovens, o que é comum às demais regiões brasileiras, não têm interesse em aprender e nem os pais querem o ofício para os filhos e netos por considerarem-no árduo e desvalorizado. Ofício e modos de saber-fazer em risco ainda pela pesca comercial em grande escala, por um consumo que incentiva o descartável e não o sustentável. Sendo assim, identidades e memórias descartáveis.

A Vila-bairro Coqueiro da Praia vive um contexto de turismo de sol e praia, não planejado, é atrativa para um público externo, que a explora sem consciência, sem uma base de educação patrimonial, que movimenta toda uma cultura consumista. Um exemplo é a especulação imobiliária, geradora da segregação socioespacial, urbana.

A apropriação privada e a valorização da terra têm papel fundamental no processo de especulação imobiliária, e resultam na produção desigual do espaço urbano. Segregação socioespacial e especulação imobiliária no espaço urbano. Pagani, Alves, Cordeiro.2015. p. 171.

Casas, mansões e apartamentos são usados como estadias de seus proprietários ou para arrendamento em alta temporada e alteram a paisagem da orla da praia, do cotidiano da comunidade. De fato, as transformações urbanas são inevitáveis devido à cultura ser volátil, mas a cidade pode crescer respeitando o meio ambiente, suas gentes, suas memórias e histórias. Nesse caso, somente uma educação patrimonial pode provocar e estimular o respeito a si próprio, aos habitantes do território, sua cultura e ancestralidade.

1.2 Pergunta de partida

Desde o início dos diálogos com as professoras Áurea Pinheiro e Cássia Moura, ainda em 2018, apresentei dois exemplos de grupos étnicos, Rapanuis e Egípcios, que atravessaram gerações com marcas identitárias associadas à arte, o que me inspirou neste trabalho, reconhecendo cada detalhe dessas culturas. Na etnia Rapanui, os objetos são de impacto visual tridimensional, os moais, esculturas de pedra; na etnia Egípcia observei os objetos bidimensionais, as pinturas em pedras e papiros de uma arte sequencial narrativa, assim como nas histórias em quadrinhos, imagens que dialogam em formato de texto visual com o intuito de mediar o leitor para acesso a informações. Assim construí o questionamento:

A arte pode ser utilizada como recurso educativo disparador para reconstrução de memórias e identidades na salvaguarda do patrimônio cultural diante dos impactos das transformações urbanas contemporâneas?

Esse questionamento surgiu após identificar nas pesquisas compartilhadas pelas Doutoradas Áurea e Cássia sobre a Vila - Bairro Coqueiro da Praia a história de um cemitério esquecido e que só existe nas memórias dos mais velhos e que foi enterrado pela especulação imobiliária.

Diante disso elaborei um gráfico reflexivo sobre a referida situação, apresentando diálogos entre Arte, Educação e o Patrimônio, onde essas áreas de conhecimento pudessem nortear dentro do campo da museologia soluções ou alternativas de melhores formações educativas para construção de um ser humano mais sensível e que respeita a história dos grupos sociais diante das transformações urbanas que fizeram e fazem parte de sua composição social. Figura 02:

Figura 02: Gráfico apresentando a intercessão da Arte, Patrimônio e Educação dentro do campo da museologia para acompanhamento da problemática das transformações urbanas



Montagem Gráfica, Moisés Rêgo.

Tanto os Rapanui como os Egípcios sofreram transformações urbanas, gerações foram extintas, mas ao mesmo tempo heranças culturais atravessaram essas gerações, a escrita se desenvolveu, os papiros se transformaram em dados virtuais com acesso na internet, as esculturas, hoje, são impressas em modo tridimensional, os conhecimentos se transformaram em produtos industriais.

Mesmo com todo esse processo metamórfico das linguagens visuais, a arte dos dois grupos étnicos resiste e impacta por sua conservação, conseguindo no século XXI ser percebida por sua importância e marca de memória, de identidade, como patrimônio cultural. A questão não é simplesmente sobre a forma de a linguagem ser bidimensional ou tridimensional, mas como a estratégia de uso dessas formas ajudou a objetivar seus papéis sociais.

1.3 Hipótese

No território de estudo, a Vila-bairro Coqueiro da Praia, observei contextos e esbocei diagnósticos para o uso da arte como construção identitária e de formação para uma educação patrimonial, como forma de trabalhar a memória de pessoas com mais de 60 anos sobre um lugar esquecido, mais lembrado pelos mais velhos como “Cemitério dos Anjos”, em pesquisas realizadas pelas professoras Áurea Pinheiro e Cássia Moura, que realizam desde 2008 trabalhos de inventários participativos, com ênfase na educação e interpretação patrimoniais com gerações de crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos. Com a criação do Programa de Pós-graduação, mestrado profissional, em Artes, Patrimônio e Museologia (2013), estão a formar gestores do patrimônio cultural, artistas e museólogos que têm suas vidas atravessadas pelo contato direto com comunidades ribeirinhas e praias na APA Delta do Parnaíba, a exemplo disso observamos as figuras 03 e 04, que apresentam a construção de um trabalho educativo multidisciplinar envolvendo a arte como linguagem base para construção e composição de um repositório de lixo em formato de tartaruga.

Figura 03. Objeto artístico tridimensional, instalação - lixo - repositório.



Foto: Moisés Rêgo

Um objeto de aprendizagem para educação patrimonial natural, composto a partir de um desenho do artista plástico, pesquisador e mestrando Valdeci Freitas e montado a partir desse desenho por mim (Moisés Rêgo), Valdeci Freitas, alguns educandos do mestrado turma 5 / 2019 e consultoria técnica do mestrando engenheiro Assis Barbosa.

Figura 04: Apresentação do objeto artístico com trabalho de educação patrimonial, organizado pelo Mestrado de Arte Patrimônio e Museologia da UFDPAr com os moradores da praia do coqueiro, em especial as crianças do território.



Foto: Moisés Rêgo

O Objeto foi tridimensionalizado com uso de ferro e arame galvanizado seguido de solda e pintura com tinta de polietileno para maior resistência e estruturação da peça e assim observarmos a sua durabilidade material como um protótipo, um experimento para construção de um objeto artístico de grande proporção para impacto visual, proporcionando uma leitura de conscientização sobre o lixo que se concentra na praia do coqueiro afetando o equilíbrio ambiental, pois a região é uma área de preservação ambiental e um território de desova de tartaruga marinha.

Desde 2018, o trabalho das professoras ficou mais intenso, potente com a ocupação e novo uso social de um antigo edifício que abrigou a primeira escola pública estadual da Vila-bairro, marcador de identidade na vida cotidiana dos moradores.

A antiga escola, hoje, é o Museu da Vila (MUV) nome atribuído pelos moradores, um museu com e para a comunidade, que integra o Projeto Matriz do PPGAPM – o Ecomuseu Delta do Parnaíba (Ecomude), uma rede de museus de território na APA. A figura 05 apresenta uma maquete dessa antiga escola, hoje museu, construída a partir do lixo encontrado na cidade de Parnaíba, feita pelos pesquisadores e artistas plásticos e arte-educadores Moisés Rêgo, Valdeci Freitas e Antônio Mineiro em uma atividade disciplinar organizada pela Doutora Áurea Pinheiro para observarmos como a Arte pode dialogar com outras áreas de conhecimento e proporcionar grandes reflexões sobre educação patrimonial.

Figura 05: Processo de construção da maquete da antiga escola Deputado João Pinto.



Foto: Moisés Rêgo

O MUV é o primeiro pólo dessa rede sob a gestão compartilhada entre PPGAPM da Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr) e a Associação de Moradores do Bairro Coqueiro (AMBC). A equipe de profissionais do MUV realiza de forma sistemática com habitantes e comunidade escolar - Creche Tia Neuza e Escola Municipal Carmosina Martins, estudos e intervenções na Vila-bairro, que têm mudado a realidade do lugar.

Não estou me referindo apenas a objetos edificados, mas de como a partir da existência desses objetos, narrar de maneira estratégica as memórias e histórias de vida de cada um, onde, ao mesmo tempo, cada um se percebe único e coletivo.

Analisei a existência de uma linguagem tridimensional para construir essa relação interativa entre objetos, memórias e identidades para uma formação em educação e interpretação patrimoniais, recorri à arte como suporte mnemônico. Para Proust (2002), os objetos se tornam animados pelo que ele chama de “mordida da memória”. A memória do objeto perdido é mais forte do que aquela suscitada por uma presença, pois a lembrança encontra-se no fundo de um esquecimento. Ao observar a necessidade de construção de um objeto de arte para evocação das memórias, recorri à primeira intenção de Debary e Turgion (1989) em um seminário sobre objetos e memórias, onde se pretendeu colocar o objeto em uma situação de desaparecimento ou inexistência, para analisar os processos de qualificação que ele pode operar.

1.4 Problema

Para elaborar o problema desta pesquisa foi necessária a percepção do território. Vivia na Vila, participei com as pessoas de seu dia-a-dia, construí laços de solidariedade para expressar meus sentimentos e emoções de ter vivido na Vila-bairro Coqueiro da Praia, onde deixei muitos amigos que construí ao longo desse caminhar, atravessado por registros em linguagens artísticas diversas para criar conexões com as pessoas e seu patrimônio cultural.

Fui apresentado ao território, seus patrimônios e suas gentes em processos de imersão coordenados pelas professoras Áurea Pinheiro e Cássia Moura, que me apresentaram uma leitura do espaço e suas transformações socioculturais, provocadas pela especulação imobiliária e turismo não planejado. Recorri aos estudos de antropogeografia de Ratzel (1990), que me informa que o povo sucumbe quando sofre perdas territoriais. Na Vila-bairro, o território já não é mais o mesmo da década de 1940, o que se tem são fragmentos, restos, cacos de memórias de uma antiga vila de pescadores. O que construí foram possibilidades da arte ser um instrumento para (re) educar e sensibilizar uma comunidade, bem como turistas sobre a importância e o respeito ao patrimônio cultural e natural do território, o que me motivou a proporcionar inúmeras percepções e descobertas.

. 1.4.1 O Cemitério

Conhecendo e reconhecendo os habitantes, dialogando com pescadores/as, fui analisando, mediado pelas memórias traduzidas em estudos e intervenções, técnicas de investigação associadas à coleta de dados, como entrevistas, que compõem parte do acervo documental do inventário participativo do ofício e modos de saber-fazer das artes de pesca e construção de embarcações artesanais realizadas pelas professoras Áurea Pinheiro e Cássia Moura, que sugeriram que eu estudasse e entrevistasse em um lugar de memória (NORA, 1993).

Esse lugar, o antigo “Cemitério Zé de Sulino”⁴, depois conhecido como Cemitério dos Afogados e finalmente nomeado Cemitério dos Anjos, local onde eram sepultados recém-nascidos, em uma época em que era comum crianças morrerem durante o parto por complicações de gestação e inexistência de tratamento pré-natal. Em algumas escavações no processo de transformação urbana, adensada pela especulação imobiliária, ao se construírem casas, era comum, ao se fazer o alicerce de uma construção, se deparar com os restos dos corpos dos enterrados. Esse fato histórico não está fotografado ou filmado, está na memória dos que contam, na fala dos mais velhos e se perderá com a ausência dessa geração de 70 a 80 anos.

A localização da área onde os corpos estão enterrados e esquecidos foi indicada pelos habitantes, assim, foi possível a construção de uma escultura que representa um patrimônio cultural, marca de identidade da formação histórica da Vila.

Nas memórias dos mais velhos consegui reconstituir as imagens do Cemitério dos Anjos em um tempo de trabalho da memória, um tempo fugaz, um lugar com crucifixos artesanais, conforme Figura 06. Busquei a arte escultórica para tornar visíveis as lembranças de uma parte da formação inicial da vila. Uma construção escultórica tridimensional que (re) significa uma materialização possível de memória, um monumento com possibilidades de relações comunicativas e simbólicas, assim como os moais para os Rapanui, uma relação de espiritualidade e respeito. Sobre esse aspecto, acredito que o objeto tridimensional oferece um olhar mais abrangente sobre suas memórias e histórias dessas pessoas.

Figura 06. Cemitério dos Anjos. Imagem compartilhada por Bruna Negreiros, de autor desconhecido.



Fonte: Instagram @praiadocoqueiro. Ano e autor desconhecidos.

4 - De acordo com os moradores, Zé de Sulino foi um turista encontrado morto por afogamento na região da praia do coqueiro - Luís Correia – Piauí – Brasil.

Essa estratégia me aproximou de senhores e senhoras de faixa etária entre 70 a 80 anos, pessoas que viveram o tempo da existência do Cemitério dos Anjos e das lógicas sociais do lugar, o que me motivou a associar a criação da obra de arte a ações de educação e interpretação patrimonial, que permitiram reflexões sobre morte e vida em um contexto sombrio da história do planeta – tempos da pandemia, provocada pela COVID-19 e suas variações, tempos de resiliência.

1.4.2 O desenho: Monumento dos Anjos

Em uma imersão no território, diálogos com pesquisadores, conversas e entrevistas com os moradores, coletei dados complementares para inspirar a criação de um esboço, um rascunho para o projeto artístico para o lugar do Cemitério dos Anjos – a Praça dos Anjos, um lugar não só de memória, mas de vida pulsante, de famílias de pescadores artesanais, originários do lugar, detentores de um rico e complexo patrimônio cultural, conforme ilustrado na Figura 07:

Figura 07: Representação de uma família de pescadores e seus filhos “anjos”.

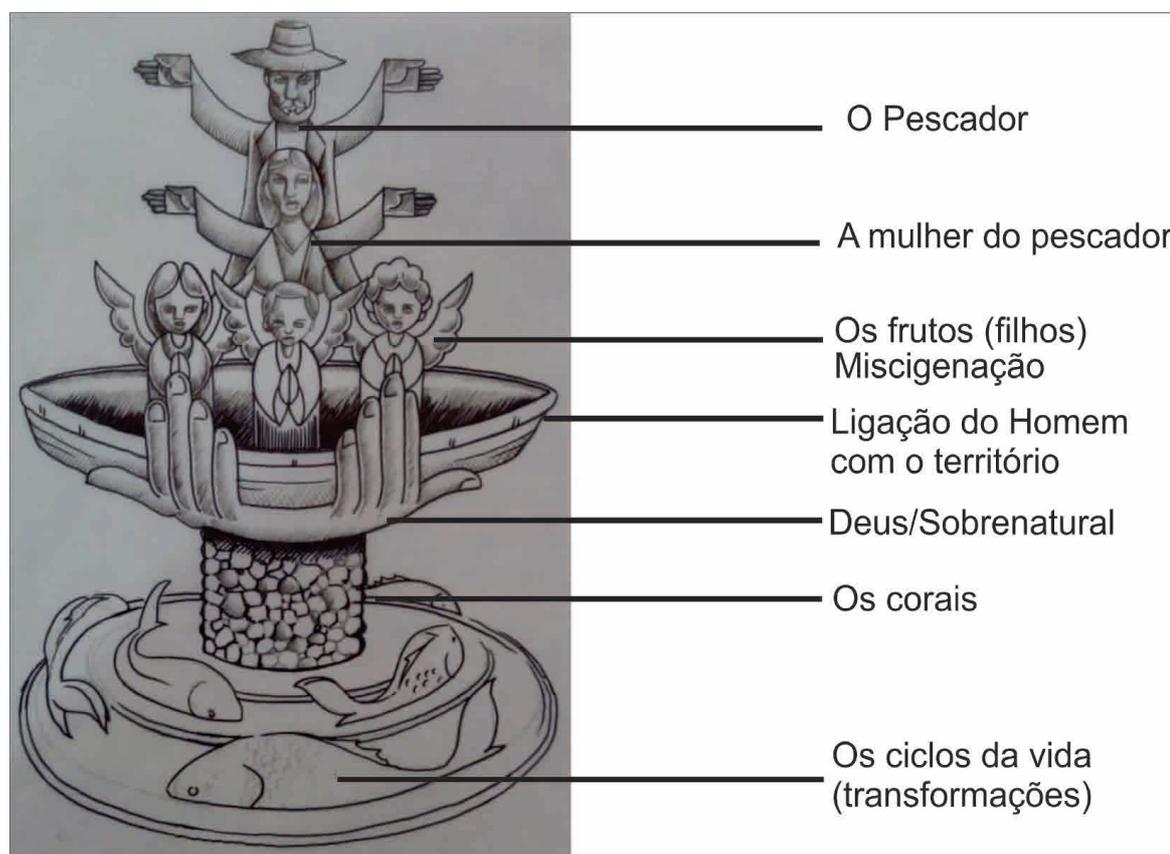


Ilustração: Moisés Rêgo

De cima para baixo, o pescador e sua esposa de braços abertos, uma referência à entrega ao território, apresentando os seus descendentes, três filhos em formato de anjos, representados por três grupos étnicos e suas miscigenações, afro, indígena e europeia. Os anjos se encontram no interior de uma canoa artesanal, como espíritos que serão levados para outro plano espiritual, além da terra, uma menção à Caronte na mitologia grega. A embarcação é o elemento que identifica a relação do homem com a natureza por meio da construção artesanal das embarcações com o uso de madeiras das árvores para se conectar com o mar na busca pelo alimento. Essa canoa é sustentada por duas mãos do criador, Deus, que orienta para onde levar a embarcação, erguendo-a de baixo para cima.

A forma cilíndrica que lembra um poço com textura de pedras é um elemento identitário do lugar, a Praia do Coqueiro com suas pedras e recifes de corais. Logo abaixo, peixes que formam um círculo no entorno do objeto, para representar as transformações, os ciclos de idas e vindas da vida. A princípio, a forma foi construída para representar a vida, uma família, por isso foi atribuída à forma de um nicho paisagístico de jardim, uma praça, enfatizando o florescer, o renascer da vida com as plantas e as flores, oferecendo colorido ao espaço desertificado pelo concreto das casas; 60% do projeto inicial do monumento – Praça dos Anjos – era composto por plantas e flores, possuía uma altura de 5 metros, área limite dentro dos padrões técnicos para ocupação equilibrada do espaço, de acordo com a Figura 08:

Figura 08: Esboço do projeto paisagístico para distribuição das plantas e das flores no terreno.

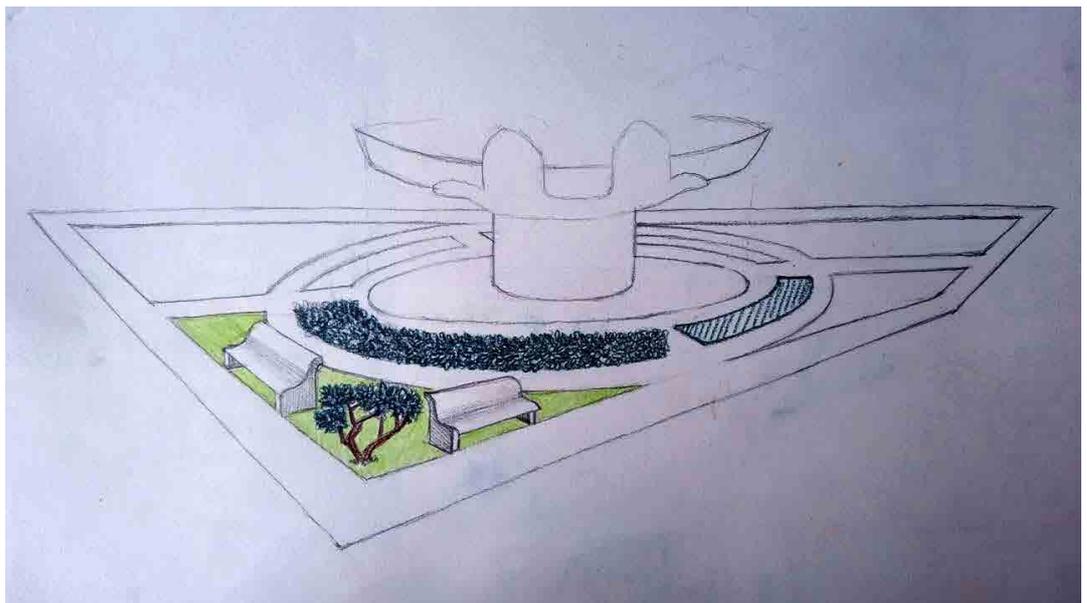


Ilustração: Moisés Rêgo

Após várias discussões e análises técnicas com a orientadora – a professora Cássia Moura e equipe de profissionais de engenharia, arquitetura e artes visuais, mestrandos, Francisco de Assis Barbosa, Bruna Negreiros e Valdeci Freitas, respectivamente – chegamos à conclusão das limitações de manutenção de um equipamento urbano que não fosse 100% autossustentável, 100% concreto, a considerar a insegurança de sua manutenção, sustentabilidade. O projeto passou então por transformações que o levaram a mudanças de altura de 500 cm para 350 cm e de planejamento paisagístico, havendo a troca do verde pelo concreto, como ilustram as Figuras 09 e 10, apresentando respectivamente a mudança anterior e atual da proposta.

Figura 09. 3D da Primeira proposta arquitetônica, com a escultura de proporção de 500 cm de altura.



Ilustração digital Bruna Negreiro.

Para que haja a exiguidade do projeto, a orientadora, com meu aceite, inclui uma parceria técnica com dois mestrandos acima citados e uma arquiteta externa.

Figura 10. 3D da proposta atual arquitetônica, com a escultura de proporção de 350 cm de altura.



Ilustração: Érica Galvão

Os mestrandos, engenheiro civil Assis Barbosa⁵, e a arquiteta Bruna Negreiros⁶ e a arquiteta externa Érica Galvão⁷, formaram a equipe técnica para auxílio na construção do projeto arquitetônico e artístico Praça dos Anjos.

5 - Professor Efetivo do Curso Técnico em Edificações - Campus Parnaíba - IFPI, Ex-Diretor de Ensino do Instituto Federal do Piauí - Campus Parnaíba, Mestrando em Arte, Patrimônio e Museologia - UFPI, Especialista em Engenharia de Produção pela Unicam-RJ, Graduado em Engenharia Civil pela UFPI - PI.

6 - Arquiteta e Urbanista. Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Piauí. Mestra em Conservação do Patrimônio Arquitetônico pela Universitat Politècnica de València (UPV/ Espanha). Mestranda em Artes, Patrimônio e Museologia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) e Universidade Federal do Delta do Parnaíba (UFDPAr).

7 - Arquiteta e urbanista pelo Instituto Camillo Filho, Pós-graduanda em Orçamentação, planejamento e controle na construção civil e MBA em Business Intelligence - Unimais/Descomplica.

1.4.3 A maquete

Para a visualização tridimensional do objeto escultórico, foram necessários estudos sobre o material a ser usado, que proporcionasse visibilidade à Praça dos Anjos. Em uma representação de menor escala, escolhi a argila de Parnaíba, do Pólo Cerâmico Barro Vermelho, localizado na Ilha Grande de Santa Isabel e a argila do Polo Cerâmico do Poty Velho, localizado na cidade de Teresina, capital do Estado do Piauí. A ideia foi mesclar os materiais para melhor análise de resistência da maquete, usando estrutura de esqueleto em arame galvanizado, como mostro nas Figuras 11 e 12:

Figura 11: Processo de construção da maquete, objeto escultórico tridimensional para Praça dos Anjos.



Foto: Moisés Rêgo

Figura 12: Maquete em argila, objeto escultórico tridimensional para Praça dos Anjos.



Foto: Moisés Rêgo

Com a visualização da maquete, é possível analisar as condições de possibilidade da realidade, administrando assim o processo de construção. Com a modelagem em argila, revi algumas características da obra, reelaborando o aspecto visual para melhor expressividade.

A matéria-prima para a realização da obra tridimensional em tamanho real será de concreto (areia e cimento) com estruturas de sustentação em aço. Para isso, o cimento que escolhi para aplicação foi o CP-IV 32 RS, por sua alta resistência, indicado para concreto armado em regiões marítimas.

1.4.4 O cemitério, os residentes e as “memórias de areia”

Durante as pesquisas que realizei ao longo de seis meses na Vila-bairro Coqueiro da Praia, identifiquei e localizei as pessoas que entrevistei, patrimônios vivos (UNESCO), que têm parentes enterrados no Cemitério dos Anjos, que têm alguma ligação com esse lugar de memória.

Registrei em audiovisual essas memórias sobre o Cemitério. Busquei vestígios que os identificasse, provoquei, ao longo de cada encontro, reflexões sobre o que há de significativo em suas vidas, o que há de “vivo” nas memórias. Percebi como refletiram, como trabalharam suas memórias sobre o que é morte, Deus, fé e o que é a perda.

Foi um processo denso e sensível de investigação, de concepção, edição e apresentação dessas memórias subterrâneas (POLLAK, 1992), não ditas em linguagem fílmica. Construí curtas-metragens (de 4 a 11 min) sobre cada um dos três moradores que entrevistei, pessoas que têm ligação com o Cemitério dos Anjos. Apresentei-lhes o filme com o seu protagonismo para compartilhar uma imersão na prática artística, como é possível visualizar na Figura 13:

Figura 13. Apresentação dos filmes da série “Memórias de Areia”, Pedro - O filho do pescador . Disponível no endereço eletrônico: <https://youtu.be/LaBjdhkUgII>



Foto: Moisés Rêgo

Com esses encontros, diálogos de maio a julho de 2021, observei uma relação direta com o ato de enterrar, com o elemento areia, que representa a terra, principal composição, que faz com que os corpos sejam guardados no chão. Um manto que cobre e consome os mortos, uma analogia à passagem bíblica, “Viestes do pó e ao pó retornarás”. (Gênesis 3:19). Observei o sentido sobre a areia como medidor do tempo nas ampulhetas, da mesma forma que esse elemento também faz parte da arte egípcia e das pedras que deram origem aos Moais.

Essas pontuações que exponho trouxeram a areia como substância que pôde se comunicar com as memórias, tempo e identidades, para chegar à experimentação artística que nomeei “Memórias de Areia”, uma prática artística que tomei como referência o trabalho do artista Vik Muniz⁸, em uma de suas obras, a série de fotografias Sugar Children (Crianças do Açúcar), figura 14. Trata-se de um trabalho de imersão e pesquisa de campo, onde as imagens são de crianças caribenhas oriundas de famílias pobres que cortam cana de açúcar nas plantações em St. Kitts. Essa analogia nos reflete como a materialidade da obra pode gerar conceitos e signos que fazem da mesma, algo mais profundo, e que ultrapassa a existência da própria imagem. O açúcar usado em questão simboliza doçura, pureza que está associada às crianças, mas ao mesmo tempo é fruto de um trabalho árduo e amargo, que é dos pais dessas crianças.

Figura 14. Valicia Bathes in Sunday Clothes, 1996.



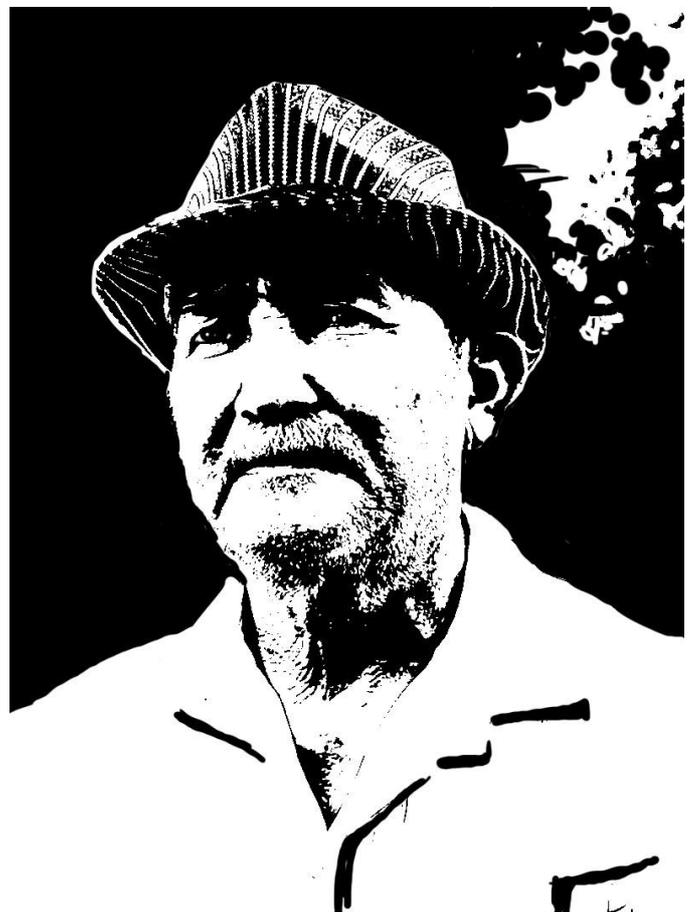
Fonte: Vik Muniz, Obra: Acervo Smithsonian American Art Museum.

8 - Vicente José de Oliveira Muniz, nome artístico Vik Muniz. Nascido em São Paulo, radicado nos EUA, artista contemporâneo que utiliza novas mídias e materiais.

A fotografia “Crianças do Açúcar” é feita em um fundo escuro, onde por meio de interpretação fotográfica, coloca-se o açúcar nos pontos de luzes e o tom escuro está na própria base, no suporte da impressão fotográfica, criando um efeito de contraste e volume. Inspirei-me na experiência de Vik Muniz para o experimento “Memórias de Areia”. Usei a mesma, substituindo o açúcar pela areia da Praia do Coqueiro. O rosto escolhido foi o dos meus entrevistados em registro audiovisual, pessoas ligadas ao Cemitério dos Anjos, como é o caso do Sr. Antônio da Laura (uma referência a sua esposa Dona Laura), Figura 15:

Figura 15. Antônio José Galeno, imagem retirada do primeiro registro audiovisual da série documental “Memórias de Areia”, O pescador. Disponível no endereço eletrônico:

<https://youtu.be/I0-KGsgMD2o>



Edição Gráfica: Moisés Rêgo

O Sr. Antônio da Laura é pescador, um dos poucos pescadores vivos da segunda geração, considerada a primeira geração a do pai do Sr. Antônio da Laura, que exerce seu ofício e que tem um filho enterrado no “Cemitério dos Anjos”.

Com essa imagem, fruto de uma conversa com o mesmo, fizemos a primeira construção com o uso da areia em suporte escuro. A imagem foi projetada em Data Show sobre suporte de papel paraná pintado de preto para ser desenhada, marcando todas as áreas conforme a figura 16:

Figura 16. Sessão de imersão em prática artística. Referência da mediação do filme: “Memórias de areia” - O pescador. O Sr. Antônio da Laura. Na imagem, as pesquisadoras Cássia Moura e Bruna Negreiros, constroem o desenho da personagem do filme.



Foto: Moisés Rêgo

Com a projeção da imagem, o desenho foi elaborado pelos participantes, completando as áreas com a tonalidade branca, representada pela colocação da areia; as marcações em preto foram a cor suporte. Registrei a sessão, o processo de construção em audiovisual, para gerar um suporte material relacionado à experiência do fazer artístico. Figura 17:

Figura 17. Atividade de imersão na prática artística: “Memórias de areia”



Foto: Moisés Rêgo

Esse fazer foi realizado por grupos de personagens que habitam o território para tentarmos compartilhar os diálogos que a Arte pode proporcionar, ligando a museologia, o patrimônio, as histórias de vida, articulando áreas do saber com o que não enxergamos nos outros e percebermos como as noções de tempo e de espaço são fluidas, assim como nos apresenta Pinheiro 2011, página 19, “em que a modernização traz a modernidade, altera hábitos cotidianos elaborados ao longo de gerações; um mundo em que quase tudo se esquece, quase nada se guarda, por causa das rápidas transformações; uma sociedade cuja marca é a mundialização, a sociedade líquida apresentada por Bauman 2001, fluída e que se evapora por suas transformações.

Refletimos então, como a elite, principal classe social responsável pelo uso e apropriação das terras pelas especulações imobiliárias precisam de intervalos nas angustiantes e estressantes viagens, momentos de relaxamento e descanso, de reabastecimento da capacidade de restringir à tensão cotidiana, e para isso precisam de lugar seguro. Talvez os outros lugares, os lugares das pessoas, não importam, mas aquele lugar especial, seu próprio lugar, importa. Talvez também o conhecimento de que os lugares das outras pessoas são maleáveis e indefensáveis acrescentes urgência à necessidade de fortalecer e tornar inexpugnável aquele lugar próprio especial. Bauman 2001, página 102. Comunidade.

Qual a preocupação e o respeito que temos por onde as personagens habitam? A sociedade passa a responder apenas por seus interesses, alienados e resultantes de uma sensibilidade não educada, não estimulada, não desenvolvida. Podemos mudar essa leitura sobre o lugar do outro por meio de uma educação patrimonial.

A educação patrimonial é elemento a ser considerado no processo de salvaguarda das referências culturais. É preciso que os educadores assumam esse compromisso e criem possibilidades de trabalhos teóricos e de campo para auxiliar a comunidade no processo de interlocução com a memória, com os lugares de memória, com a história local. (PINHEIRO, 2010, p. 45.)

Apresentamos uma experiência artística com o viés na Arte educação como articuladora dos diálogos entre memória e identidade, ambas imersas no campo multidisciplinar, que é a museologia, para construção de uma educação patrimonial ao território de estudo. Partindo então da presença do personagem artista pesquisador, residindo na vila bairro Coqueiro da Praia em um projeto piloto de Residência artística desenvolvido pelas pesquisadoras Dr^a Áurea Pinheiro e Dr^a Cássia Moura. Aqui a função do artista nos reflete bem o que expõe Zourabichvili:

A função do artista não é mais exclusivamente aquela de exprimir-se ou de dar forma ao objeto artístico, mas de criar dispositivos e interfaces comunicacionais nas quais as dimensões do “acontecimento” e do “devir” tornam-se conscientes de si e se revelam ao sensível.. (ZOURABICHVILI. 2009. p. 24.)

Os dispositivos foram construídos na prática artística “memórias de areia”, em uma troca de olhares coletivos para formação de uma imagem de um personagem vivo e que habita seu lugar de origem e formação familiar. Figura 18:

Figura 18. Resultado da construção coletiva da imersão em arte: “Memórias de areia”. Feita pelos pesquisadores e residentes na vila do coqueiro da Praia, rosto do Sr. Antônio da “Laura”, o pescador.

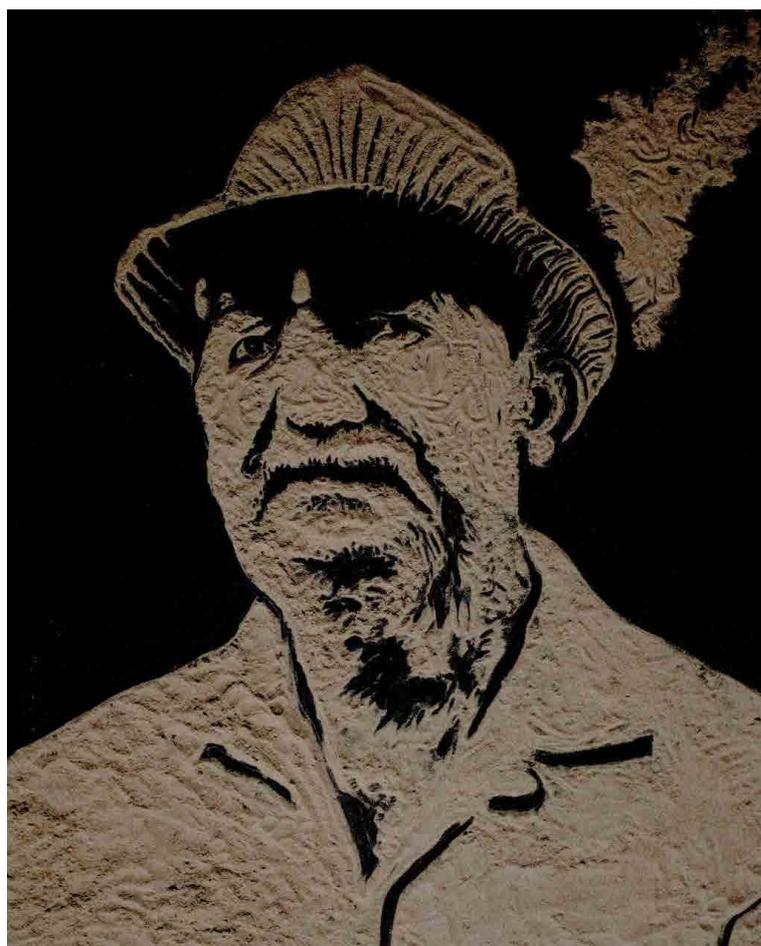


Foto: Moisés Rêgo

A imagem construída pelos pesquisadores deixa vestígios identitários de seus dedos, mãos coletivas para oferecer sentido não só à obra, mas à identificação do pescador, sobrepondo areia, camadas de grãos que aos poucos constroem uma imagem do homem que habita o território. Somente com a troca de olhares e o respeito pelo espaço do outro é que cada pessoa envolvida nesse fazer artístico pode se entregar à composição. Testemunhamos ao longo do trabalho uma reconstrução de memórias individuais e coletivas, em diálogos que permitiram retirar memórias dos escombros e trazê-las à vida. Merleau Ponty ilustra em seus estudos o visível e o invisível presente na arte em seu processo criativo.

o pintor, qualquer que seja, enquanto pinta, pratica uma teoria mágica da visão. Ele precisa admitir que as coisas entram nele ou que, segundo o dilema sarcástico de Malebranche, o espírito sai pelos olhos para passear pelas coisas, uma vez que não cessa de ajustar sobre elas sua vidência. (Nada muda se ele não pinta a partir do motivo: ele pinta, em todo caso, porque viu, porque o mundo, ao menos uma vez, gravou dentro dele as cifras do visível.) Ele precisa reconhecer, como disse um filósofo, que a visão é espelho ou concentração do universo. (PONTY, 2004, p. 20).

Na imersão do fazer artístico representamos o pescador Antônio, a partir de nossas percepções, imersão, sentimentos, olhares, registros do visível, do que não se percebe no cotidiano da vida que segue, uma vida rápida, fluida, que não permite conversar, dar atenção ao outro, não provocamos dialogamos para saber como estão aqueles que estão ao nosso lado, não alcançamos o outro, sua vida, suas angústias, tensões, desejos, não olhamos o nosso entorno.

Diante de um mundo global, atravessado por transformações sociais marcadas pelo consumismo, nosso olhar está comprometido, focamos no consumo de bens materiais, o outro não importa, são poeira, grãos que passam e que não deixam marcas nem rastros. Vivemos em uma sociedade que não planta afetos, logo não os colhe, pouco crescemos no interior das comunidades onde vivemos, estamos a fragilizar as relações humanas.

É nesse contexto que construímos a escultura “Monumento dos Anjos”, a tradução de nossos estudos, vivências na comunidade com as pessoas, que guardam memórias, experiências, herança de outro tempo menos veloz, onde o sentar na porta da casa e falar de si e ouvir o outro fazia parte da vida cotidiana, uma herança transmitida de pai para filho.

Para a criação da escultura, que representa e faz reviver memórias, usamos o concreto e a areia. Ao longo do processo criativo fizemos registros audiovisuais, promovemos práticas artísticas, para fazer perceber que a arte pode ser uma possibilidade de percepção identitária, de construção educativa das memórias, de conhecimento e reconhecimento dos patrimônios locais diante de transformações em um mundo global, que exclui diálogos e reflexões sobre a vida em comunidade.

1.5 Públicos

A comunidade da Vila-bairro Coqueiro da Praia, idosos, adultos, adolescentes e crianças. Conseguimos envolver diretamente a comunidade católica do lugar, potencializar diálogos intergeracionais com três famílias que acolheram a nossa proposta e narraram suas histórias de vida, relações familiares, espiritualidade, leituras de si e do outro.

1.6 Objetivos

1.6.1 Geral

Construir diálogos reflexivos de como a arte pode ser utilizada como recurso educativo disparador para reconstrução de memórias e identidades na salvaguarda do patrimônio cultural diante dos impactos das transformações urbanas contemporâneas por meio das arte/culações com outras áreas de conhecimento.

1.6.2 Específicos

- Identificar famílias que têm suas memórias e histórias de vida associadas ao Cemitério dos Anjos, para buscar símbolos, sentidos e significados, origens, manifestações de espiritualidade, de resistência e de formação social do antigo Cemitério;
- Documentar por meio de registros fotográficos, sonoros e audiovisuais as memórias que fazem dessas famílias patrimônio vivo da Vila;
- Construir com as famílias uma prática artística que as permitam sentir e viver uma experiência significativa baseada na releitura dos rostos dos entrevistados-participantes, com o uso do elemento areia como ilustrador dessas imagens em suporte em papelão para a composição fotográfica, associada ao elemento de formação da própria escultura, o concreto.

- Arte(cular), provocar por meio de imersão artística, a percepção de que a Arte pode ser um caminho possível para a construção identitária e educativa para atualização e reconhecimento do patrimônio cultural, diante de transformações locais e globais, potencializando os diálogos com uma museologia crítica e contemporânea.
- Em uma das salas do Museu da Vila, no contexto da Exposição Memórias, comunicar a experiência com a construção deste trabalho.

1.7 Justificativa

A Arte está presente de geração em geração como instrumento comunicativo gerador de significados e evocador de memórias, envolvendo leituras do imaginário e da realidade de cada tempo e lugar, ela se torna um elemento chave para estímulo comunicativo e construtor de relações humanas. Utilizar a arte como suporte educativo para dialogar com a memória, a identidade e o patrimônio no campo dos museus e museologia articulam possibilidades e experiências inimagináveis, arte/cula reflexões que estimulam a sensibilização para uma educação patrimonial, um reconhecimento sobre os valores culturais esquecidos, enterrados ou submersos nas transformações sociais. Pinheiro (2010) nos apresenta a importância da educação patrimonial para estimular e valorizar, para a apropriação da herança cultural pelos grupos sociais, sendo uma apropriação que orienta a conservação e salvaguarda de referências culturais para aqueles grupos, fortalecendo os sentimentos de identidade e de cidadania. Com a Arte, esses estímulos podem ser alcançados com mais intensidade e participação, pois integra, vez que provoca e impacta, permite a construção de linguagens diversas para que possa ser criada e apresentada ao observador.

Usamos linguagens como o desenho, a pintura em aquarela, o objeto escultórico tridimensional, o audiovisual, a fotografia, a música e suas relações com experiências artísticas com os moradores da Vila-bairro Coqueiro, para podermos sensibilizar e compartilhar uma possibilidade de leitura do que nos torna vivo, do que somos por meio da origem, da história de nossos antepassados no contexto do que consideramos ser família.

Revisão de literatura

Iniciamos nossas pesquisas como estudos relacionados à etnografia, para nossa imersão em um território, para entender suas lógicas sociais. Consultamos Gilberto Velho, para quem:

A complexidade e a heterogeneidade da sociedade moderna contemporânea têm como uma de suas características principais, justamente, a existência e a percepção de diferentes visões de mundo e estilos de vida. Uma das questões mais interessantes e polêmicas é verificar até que ponto a participação em um estilo de vida e em uma visão de mundo, com algum grau de especificidade, implica uma adesão que seja significativa para a demarcação de fronteiras e elaboração de identidades sociais. (1994, p. 97)

Conhecer e viver no território, sua origem e transformações nos últimos 30 e 40 anos, compreender as necessidades e interesses dos que habitam o lugar nos ajuda a perceber ecos de formação e deformação nos laços de pertença e comunidade. Acrescentamos outras referências sobre aspectos sociais e antropológicos, como a obra de Michel de Certeau (2013), “A invenção do cotidiano/Artes de fazer”; Zygmunt Bauman (2004), “Identidade e Comunidade” e os estudos sobre a antropogeografia de Friedrich Ratzel (1990).

O território de imersão e estudos integra a APA Delta do Parnaíba, onde o Mestrado em Artes, Patrimônio e Museologia, desde 2015, realiza pesquisas e intervenções por meio do Projeto Ecomuseu Delta do Parnaíba (ECOMUDE), idealizado e coordenado pela Prof^a Dr^a Áurea da Paz Pinheiro. Portanto, incluímos em nossos estudos o tema dos ecomuseus, museus de território, patrimônio, recorreremos aos estudos de Áurea Pinheiro e Hugues de Varine, este último nos informa que:

O museu-território é ao mesmo tempo um olhar sobre o interior do território e uma janela aberta sobre o exterior, inicialmente, sobre os territórios vizinhos, em seguida tudo o que se encontra ´de fora´ e que pode enriquecer o território e contribuir para seu desenvolvimento. (VARINE, 2012, p. 186).

O museu de território é criado com e para a comunidade, por um grupo de pessoas herdeiras de um patrimônio não identificado por elas e que sofre desenfreadas transformações urbanas típicas de uma sociedade consumista e capitalista. Para isso, Pinheiro (2012) defende que é preciso envolver a comunidade em ações de natureza educativa para se construir uma postura crítica, consciente, e, acima de tudo, ativa no desenvolvimento e vivência de ações cidadãs.

Os estudos e intervenções no campo da educação patrimonial e a museologia nos permitem associar a Arte ao trabalho educativo. Procuramos nas civilizações do Egito e Rapa nui perceber os diálogos que a Arte arte/culava com as formações culturais, recorremos então à história da Arte com Gombrich e Rapa nui - Passado/ Presente e futuro (Unesco, 2011), para aplicação e reflexão das práticas artísticas e suas interatividades, para analisar pesquisas com as de Pollyanna Coelho em: “ Tear identitário - A Prática docente em arte”, 2008, para entendermos como o conhecimento compartilhado, as relações de saber-fazer que a Arte pode proporcionar contribuem para formação sociocultural. Estudos e pesquisas com foco nas memórias e identidades. Realizamos um trabalho de memória, evocação das lembranças por meio de práticas artísticas, o que justifica termos acrescentado à pesquisa bibliográfica Joel Candau (2011), com a obra “Memória e identidade”; “Tempo, Memória e Patrimônio Cultural”, obra organizada Áurea Pinheiro e Sandra Pelegrini (2010); Michael Pollak (1992), no artigo “memória e identidade social”.

Por se tratar de um trabalho voltado à construção de formas, para o objeto artístico foi necessário refletirmos sobre os sentidos que a forma pode gerar ao observador, acrescentamos, portanto as pesquisas de Els Lagrou (1994) “A fluidez da forma: Arte, Alteridade e Agência em uma sociedade Amazônica (Kaxinawa, Acre); Merleau Ponty (1994), em “Fenomenologia da percepção: O olho e o espírito - 2013 e os estudos poéticos visuais contidas no trabalho de doutorado de Cássia Moura (2019), “Por entre rio e mar”.

Métodos e técnicas

Iniciamos por aprofundar estudos de pesquisas existentes sobre o território, trabalhos de mestrandos (hoje, mestres), pesquisadores que estudaram e interviram na Vila-bairro Coqueiro da Praia, trabalhos participativos e colaborativos com os habitantes do lugar, o que permitiu refletir como a Arte poderia colaborar na identificação de problemas associados aos patrimônios locais, fazer uma conexão com a comunidade católica local - Ministério de Música da Paróquia de Nossa Senhora do Livramento. Realizamos encontros, percebemos as formas de sociabilidade e espiritualidade, as manifestações de fé e vínculos afetivos familiares, presentes naquele grupo.

A partir desse contexto construí um mapa que pudesse diagnosticar uma localização dos pontos de estudos que estive a pesquisar para realização do trabalho.

O mapa apresenta um diagnóstico das rotas que tracei, guiado pelos personagens que fui descobrindo e que estiveram ligados à escultura. Com isso, pude perceber que essa relação de mapeamento interligando a igreja Nossa Senhora do Livramento, o Cemitério dos Anjos, o pescador Srº Antônio da “Laura”, a mulher de um pescador, Dona Zila Galeno e o filho de um pescador Pedro Sousa me proporcionaram o que seria um farol, uma alusão ao lugar onde estive, uma região praieira, onde o farol é utilizado para guiar quem se aproxima de um lugar, para reconhecimento de “terra à vista”. Figuras 19 e 20

um pesquisador em busca de um caminho, uma rota traçada pela Museologia e a Arte. Figuras 19 e 20.

Figura 19. Representação gráfica de um mapa aéreo da Vila Bairro Coqueiro com pontos localizando as áreas de construção da pesquisa.

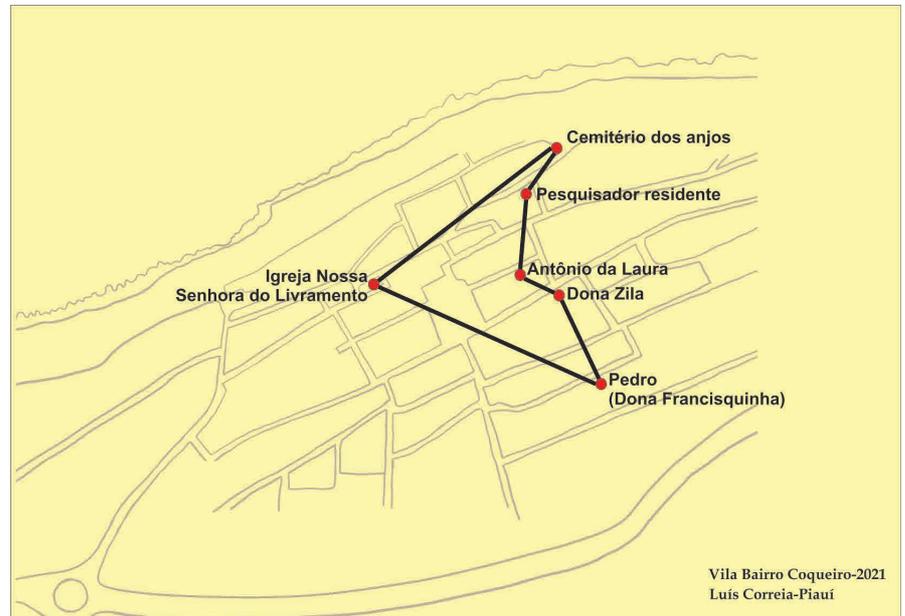


Ilustração : Moisés Rêgo

Figura 20. Representação gráfica de um mapa aéreo da Vila Bairro Coqueiro com pontos localizando as áreas de construção da pesquisa formando um farol a partir de suas interseções.

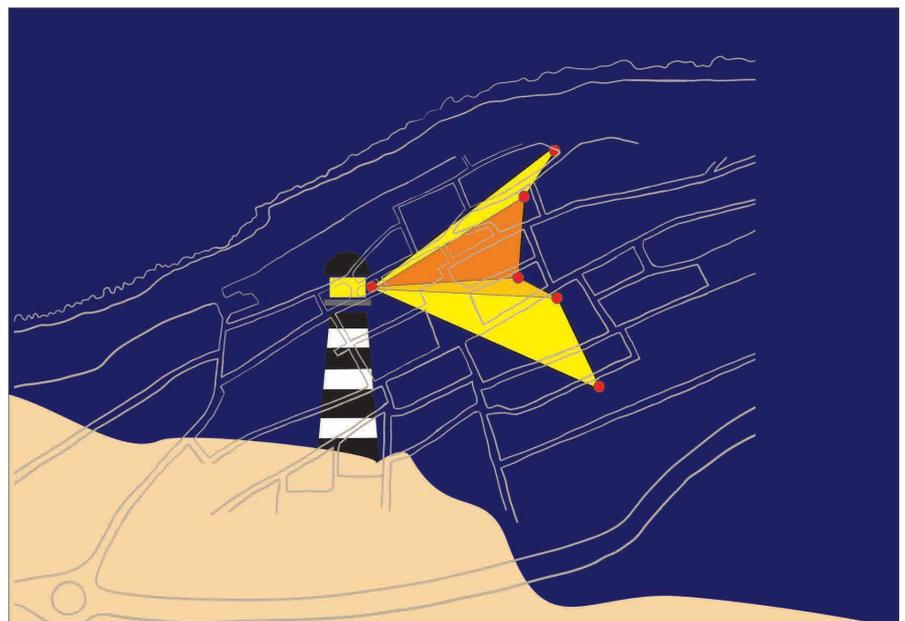


Ilustração : Moisés Rêgo

Usamos a linguagem da música para estabelecer relações de comunicação, afeto, usamos, igualmente, outras linguagens artísticas, como o desenho, a pintura em aquarela, a escultura, o audiovisual, a fotografia e a própria exposição/comunicação dos resultados deste trabalho no Museu da Vila.

Partimos da construção da imagem de um lugar que habita dentro de suas personagens.

É por meio da imagem que o olhar se realiza em nós com o que nos vem de fora, da mesma maneira que é através das imagens de espírito que o homem realiza o que está no mundo. As imagens permitem, pois, este duplo movimento: Sair de si e trazer o mundo para dentro de si. Novaes. 2004. p. 12.

Trouxemos para os moradores o que já havia dentro deles, mas não revelado, criar um corpo/imagem para gerar diálogos com outras imagens e reflexões de um passado que se perdeu no presente. Para isso, foi necessário permitir se envolver e ser envolvido por esses habitantes. Como a maioria dos moradores da vila são religiosos católicos, a capela Nossa Senhora do Livramento foi o ponto de acesso para as conexões com essas pessoas.

A música foi a base para a construção dos diálogos com a Vila, por meio de minha presença ao Ministério de Música Nossa Senhora do Livramento. Nesse sentido, fui acolhido por representantes de várias famílias que aos poucos foram abrindo as portas de suas casas, de suas histórias e de suas memórias. Fig 21:



Figura 21: Ministério de Música Nossa Senhora do Livramento em apresentação na igreja Matriz de Luís Correia durante o festo de Bom Jesus dos Navegantes, a direita, pesquisador Moisés Rêgo na percussão cajon ao lado de Bruno no Violão.

Foto : Jeane Costa

O processo de investigação começa a identificar e escutar os familiares ligados aos músicos e que tiveram parentes enterrados no antigo Cemitério dos Anjos e estabelecer um representante que dialogasse com o objeto escultórico por sua composição estrutural.

A escultura traz em sua composição uma família de pescadores, então a ideia foi encontrar um representante do pescador, da mulher de um pescador e do filho de um pescador. Trabalhamos então com o registro audiovisual em formato de documentário das personagens: Srº Antônio da Laura (O pescador), Dona Zila Galeno (A mulher de um pescador), e Pedro de Oliveira (O filho de um pescador). Os três representantes tiveram parentes enterrados no Cemitério dos Anjos.

Com o filme, foi possível criar diálogos sobre o que está vivo nesses personagens, as relações de passado e seus contextos atuais que fazem parte de sua identidade, percebermos o que não está enterrado, e morto em suas existências, e compartilhar com os demais os seus valores patrimoniais.

Após a construção dos filmes, retornamos aos familiares, membros de cada personagem ligado à escultura/objeto, para documentarmos suas reações, as ressonâncias dessa experiência de se ver dentro do outro. Ao final, os familiares foram convidados a participarem de uma prática artística para imersão em uma experiência de releitura dos rostos dos entrevistados no filme com uso da areia na composição, figura 22, conforme anteriormente explicado no tópico 1.4.4 O cemitério, os residentes e as “memórias de areia”.

Figura 22: Prática artística com os familiares de Dona Zila, após a exibição do filme “Zila, a mulher de um pescador” com o uso da areia da praia.



Foto : Moisés Rêgo.

As experiências foram documentadas para construção de um quarto material audiovisual que engloba todo o processo de construção do trabalho de pesquisa sobre o Cemitério dos Anjos, intitulado de ARTE/CULAR: Vivências e diálogos da arte com o patrimônio cultural e a museologia. O intuito foi percebermos como a Arte dialoga com outras áreas do conhecimento, auxiliando na formação de uma educação patrimonial, disponível em: <https://youtu.be/9bSg-ulcMZE>

Como um exercício de educação patrimonial, realizei oficinas de memórias com três famílias, provocando um trabalho de memória intergeracional, a percepção de si e do lugar que habitam. Usei expressões artísticas como comunicação, um elo, uma ligação provocativa com adultos, velhos e crianças, em um diálogo intergeracional.

Ao final, foram registradas fotografias dos rostos interpretados pelos familiares e impressas em tamanho A2 (60x42cm), para montagem de uma exposição intitulada de “Memórias de areia” no MUV (Museu da Vila), dentro do próprio bairro que habitam as personagens pesquisadas figura 21.

Figura 23: Montagem da exposição “Memórias de areia”, processo.



Foto : Moisés Rêgo.

Para montagem da exposição, foi necessário criar no ambiente MUV, um espaço para acolhimento das obras impressas feitas pelos moradores. Na frente de cada quadro um suporte (base) de madeira sustenta os papéis com o esboço de marcação do rosto das personagens que foram ilustradas pelos familiares após assistirem aos filmes, por cima dos papéis, foram colocados potes com as areias que fizeram parte da modelagem dos rostos construídos, colocamos ainda na sala a maquete em argila do monumento Cemitério dos Anjos e selecionamos também uma parede para exibição do Filme Arte/cular.

O objetivo é proporcionar ao visitante uma experiência sinestésica em audiovisual, fotográfica seguida da oportunidade de cada um poder experimentar a prática artística utilizada pelos moradores envolvidos no filme, utilizando a areia como instrumento de comunicação e composição das imagens.

Uma proposta de sensibilização e estímulo para os sentidos, pois os sentidos são os órgãos pelos quais a criatura viva participa diretamente das ocorrências do mundo a seu redor. Dewey, 2010, p. 88.

É dentro desse aspecto de experiência e imersão que recordamos da proposta triangular de Ana Mae Barbosa sobre o fazer(praticar), ler(interpretar) e contextualizar(refletir), são propostas que não se aplicam quanto à visão de método/receita, a própria Ana Mae explica que a abordagem triangular deve ser flexível, onde esses três pontos não são fórmulas de aplicação para construção de um método, mais eixos norteadores para gerar outros diálogos a partir desses eixos. Barbosa, 2010,p. 10.

A pesquisa para construção do trabalho procurou, por meio da existência de um objeto escultórico, criar extensões comunicativas com outras linguagens da Arte, aqui utilizados na música, desenho, a pintura aquarela, escultura, fotografia, modelagem com areia, e cinema. Essas extensões serviram para fortalecer a experiência artística na formação e sensibilização de grupos para com a descoberta de seus valores patrimoniais.

Tipo de pesquisa

Para esse trabalho utilizei a pesquisa social aplicada, de natureza qualitativa- colaborativa, associada à História Oral e à Etnografia por meio de filme documentário.

Aqui refleti sobre o papel do pesquisador e suas ações em um estudo de caso conforme nos apresenta Goldenberg (2004, p.47):

Por meio, da observação participante, por um longo período de tempo, o pesquisador coleta os dados através da sua participação na vida cotidiana do grupo ou da organização que estuda, observa as pessoas para ver como se comportam, conversa para descobrir as interpretações que têm sobre as situações que observou, podendo comparar e interpretar as respostas dadas em diferentes situações.

Essa observação participante é a via de acesso para construção das relações humanas, as quais permitem ao pesquisador ser inserido de maneira mais aprofundada no território de pesquisa, sendo conduzido pelos próprios habitantes da região.

Ao ser conduzido, percebi que Velho nos apresentava em seus estudos, uma análise às mudanças culturais de um lugar e suas transformações para os grupos locais.

Velho apresenta uma abordagem reflexiva que foi importante para a construção da pesquisa aqui apresentada, a existência e a percepção de diferentes visões de mundo e estilos de vida, pois trata-se de um grupo de pescadores que construíram suas famílias e que formaram a Vila bairro Coqueiro da Praia, culturas de grupos étnicos de origem primária, mas que sofreram e sofrem mudanças culturais associadas às transformações urbanas provindas de uma sociedade consumista desenfreada. Com isso, as memórias das pessoas e do lugar são comprometidas por não serem compartilhadas e serem englobadas por outros valores culturais.

A análise para pesquisa baseou-se pelo princípio de percebermos a memória como uma construção individual e ao mesmo tempo coletiva, exposta por Pollak (1992, p. 200 - 212), que, por meio dessa análise ele questiona quais seriam os elementos constitutivos da memória, onde a mesma é coletiva?

Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de 'vividos por tabela', ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer.

É por essa coletividade que o tipo de pesquisa teve que ser qualitativa, colaborativa e por se tratar da memória, algo que permeia a subjetividade.

5

Local de estudo

Região da APA (Área de preservação ambiental do delta do Parnaíba), em Luís Correia, na Vila-bairro Coqueiro da Praia, Piauí, Brasil. Pólo de pesquisa do Mestrado em Arte, Patrimônio e Museologia e sede do Museu da Vila.

6

Coleta de dados

Os dados coletados se basearam em pesquisa etnográfica com história oral, registros audiovisuais e fotográficos e ilustrativos, seguidos de práticas artísticas com os moradores da vila e partilhas dos filmes e encontros musicais com as famílias do bairro Coqueiro.

Materiais

Os materiais que foram utilizados inicialmente para construção da pesquisa foram as fotografias para sondagem das personagens e suas relações com o território. Essas imagens foram fundamentais para a elaboração dos desenhos, esboços que levaram à criação da escultura “Monumento dos anjos”. Em um desenho mais elaborado da escultura, optou-se pela utilização da aquarela para pequenas nuances cromáticas nas volumetrias do objeto escultórico. Então, para um primeiro momento, o material utilizado foi: A fotografia, o desenho e a aquarela.

No decorrer da pesquisa, o desenho levou-me a encontrar personagens que tiveram ligação com o Cemitério dos Anjos, tendo parentes enterrados, assim conectei-me ao Ministério de música da igreja Nossa Senhora do Livramento, na qual os integrantes possuíam uma ligação direta e indireta com personagens que tiveram seus entes queridos enterrados no antigo cemitério. A música permitiu a socialização com os moradores da vila, permitindo uma conexão com as pessoas e o lugar. Assim, fui encontrando personagens que pudessem ser representantes vivos ligados ao desenho do monumento que traz em seu gráfico a representação de uma família de pescadores. Os representantes foram um pescador, a mulher de um pescador e o filho de um pescador.

Com os personagens selecionados, o próximo passo foi a documentação em audiovisual para montagem e construção de curtas com o intuito de se registrar as memórias que formaram a identidade dessas famílias. Nesse segundo momento, os materiais foram: A música e o filme.

A partir dos três filmes produzidos, uma série intitulada memórias de areia, houve a necessidade de tridimensionar o projeto “Cemitério dos Anjos”, em uma maquete escultórica feita de argila com estrutura de arame galvanizado a pedido da Doutora Áurea Pinheiro e a Doutora Cássia Moura para compartilhar com as famílias a importância e a necessidade de um espaço de sociabilização, uma praça que pudesse levar o nome de praça dos anjos, uma homenagem ao local de memória e que foi enterrado pela especulação imobiliária pelas transformações culturais na região. Com a maquete, foi possível documentar a reação das pessoas ao observarem o objeto escultórico e suas expectativas com a existência do mesmo.

A série “Memórias de areia” foi apresentada em formato de cinema nas residências e na igreja da vila, com o intuito de partilhar com os moradores as memórias desses personagens que fizeram e fazem parte da história da região. Após o filme, familiares ligados aos personagens documentados foram convidados a participarem de uma prática artística, utilizando a fotografia dos rostos dos entrevistados em uma interpretação com modelagem em areia, anteriormente detalhados neste trabalho no capítulo 3, figura 22.

O papel paraná (densidade dura) foi o suporte para modelagem da areia. Em seguida foi feito o registro fotográfico do rosto revelado pela areia e a documentação em audiovisual para construção de um quarto filme, intitulado Arte/cular. Para projeção dos filmes utilizou-se o datashow como equipamento de transmissão visual e as redes sociais para partilha das experiências do trabalho e suas etapas. Nesse terceiro e último momento, os materiais foram: Argila, arame, fotografia, papel paraná, areia e datashow.

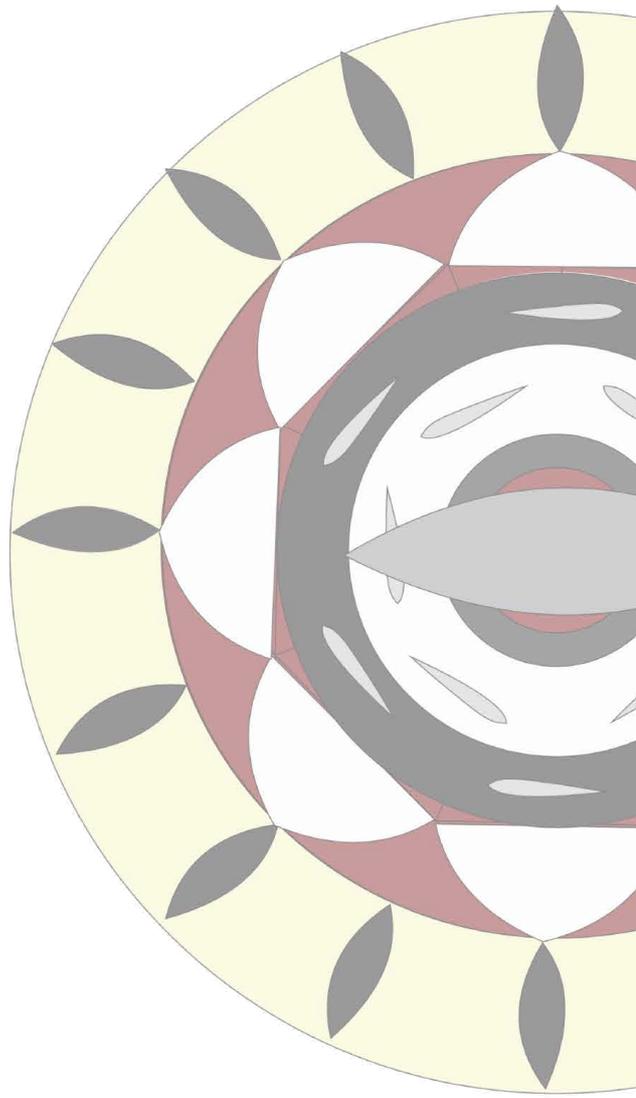
9 Aspectos éticos

Em A experiência do cinema, antologia organizada por Ismail Xavier, Bela Balázs nos apresenta no capítulo “Nós Estamos no cinema”, p. 73, um contexto que faz parte da essência dessa pesquisa por meio da compreensão do cinema para a vida das pessoas.

No cinema, a câmera carrega o espectador para dentro mesmo do filme. Vemos tudo como se fosse do interior, e estamos rodeados pelos personagens. Estes não precisam nos contar o que sentem, uma vez que nós vemos o que eles veem e da forma em que veem.(BALÁZS, 2018. p 73).

Perceber nos moradores a satisfação em poder assistir algo que é comum a todos da Vila Bairro Coqueiro da Praia, e ainda ouvir dos mesmos que todo esse material deve ser divulgado para o mundo, é poder compreender nesses habitantes a aceitação e o sentido de pertença construído nas relações humanas, uma analogia oriunda dos povos étnicos de origem primária como os Kaxinawás, etnia indígena que habita a região do Acre no Norte do Brasil, para eles a expressão TXAI, significa a metade de mim que habita em você. Sobre esse aspecto, podemos relacionar como as famílias compartilharam suas memórias e quiseram que todos pudessem ter acesso a suas histórias, é mergulhar no universo que habita em cada um de nós e que é comum a todos como nossas memórias.

Nessa pesquisa, pude compreender que Morin (2014) relacionava a visão de mundo com a construção de um filme, pois o cinematógrafo se lança no mundo e torna-se um turista, ele metamorfoseia-se em algo mágico, que encanta, aspectos poéticos dos seres e das coisas, capta características que estão, não na vida, mas na imagem da vida. Essa correspondência foi sentida pela reação dos moradores da Vila. A permissão de ser algo para o outro.

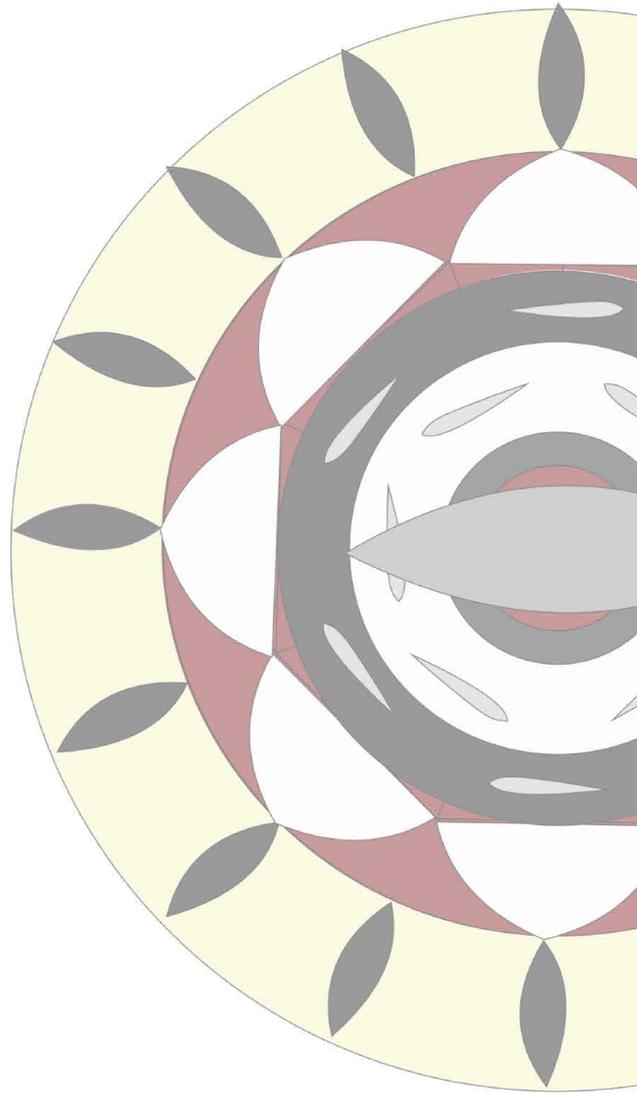


Conclusão e Análise de dados

Com os estudos desenvolvidos no território, observei a reação das pessoas por meio do compartilhamento de suas memórias através dos documentários registrados em material audiovisual, construídos a partir da existência das personagens da Vila bairro Coqueiro da Praia. Os filmes fizeram parte de uma documentação sobre identidades, histórias e suas transformações para a vida dos moradores.

O material audiovisual desenvolvido foi autorizado pelos familiares envolvidos no filme para serem divulgados e compartilhados nas mídias e plataformas digitais para troca de experiências e partilhas das memórias com parentes que moram em outras regiões e que estão afastados de seus entes queridos. Por meio das plataformas de redes sociais Youtube e Facebook, foi possível perceber a quantidade de compartilhamentos que foram feitos por meio dos filmes por parentes das pessoas envolvidas e acompanhar as mensagens de agradecimento, reações de afetividade e acolhimento pela construção do trabalho.

Foi possível também perceber por meio de registro audiovisual compartilhado no canal do Youtube Moisés Rêgo Estúdio, por meio do endereço eletrônico <https://www.youtube.com/watch?v=9bSg-ulcMZE>, a necessidade das pessoas pelo espaço de sociabilização: “Praça dos Anjos”, com o monumento dos anjos, pois os habitantes reconheceram que trata-se de um respeito à memória dos vivos para com os mortos enterrados no antigo cemitério e que atualmente não existe mais, devido à especulação imobiliária que aos poucos tomou conta do território. Assim diagnosticamos como a Arte pôde ser utilizada como recurso educativo disparador para reconstrução de memórias e identidades na salvaguarda do patrimônio cultural diante dos impactos das transformações urbanas contemporâneas. Reflexões essas, expostas por Ernst Fischer em “A necessidade da Arte”, 1959, onde, numa sociedade decadente, se a Arte for verdadeira, ela deve refletir decadência. E a menos que queira ser traiçoeira a sua função social, ela deve mostrar o mundo como mutável e ajudar a mudá-lo.



Referências

- BARBOSA, Ana Mae, Cunha, Fernanda Pereira da (Orgs). **A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. Ed. Cortez. SP. 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Ed. Zahar, Rio de Janeiro. 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**. Ed. Zahar, Rio de Janeiro. 2004.
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Ed. contexto. SP. 2011.
- CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. 1-Artes de fazer. São Ed. Vozes. 2013.
- COELHO, Pollyanna. **Tear identitário: A Prática docente em arte como conhecimento compartilhado**. Ed. UFRN. 2008.
- DEBARY, Octave e TURGEON, Laurier. **Objets et Mémoires**. Paris et Québec, Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme et Presses de l'Université Laval, 2007
- DEWEY, John. **Arte como experiência**. Ed. Martins Fontes. SP. 2010.
- FISCHER, Ernst. **A necessidade da Arte**. Ed.9ª. LTC. RJ. 1982.
- GOMBRICH. E. H. **A história da Arte**. Ed. LTC. 1999.
- GOLDENBERG, Mirian. **A Arte de pesquisar**. 8ª Ed. Ed.Record, RJ. 2004.
- HEVIA, Ricardo. Organizador. **Rapa Nui, apresenta passado e futuro**. Unesco 2011.
- LAGROU, els. **A fluidez da forma: Arte, Alteridade e Agência em uma sociedade Amazônica (Kaxinawa, Acre)**. Ed. Top Books. 2007.
- MOURA, Cássia. **Por entre Rio e Mar. Lisboa**. Belas Artes-ULISBOA. 2019.

MORIN, Edgar. **O cinema ou o Homem imaginário**. Ensaio de Antropologia Sociológica. São Paulo: Realizações Editora, 2014.

NORA, Pierre. “**Entre memória e história: a problemática dos lugares**”. **Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**, n. 10. São Paulo, dez.-1993.

NOVAES, Adauto (org.) **Muito além do espetáculo**. Ed. Senac. SP. 2005.

PAGANI, Eliane. ALVES, Jolinda. CORDEIRO, Sandra. **Segregação socioespacial e especulação imobiliária no espaço urbano**. Argumentum, Vitória (ES). 2015.

PINHEIRO, Áurea. **Patrimônio Arqueológico e cultura indígena**. Ed. EDUFPI. 2011.

PINHEIRO, Áurea. PELEGRINI, Sandra. **Tempo, memória e Patrimônio Cultural**. Ed. EDUFPI. 2010.

PONTY, Merleau. **Fenomenologia da percepção**. Ed. Martins Fontes. 1994.

PONTY, Merleau. **O Olho e o Espírito**. Ed. Cosacnaify. 2013.

POLLAK, Michael. “**Memória e identidade social**”. In: Estudos Históricos, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992.

PROUST, Marcel. “**Em busca do Tempo Perdido**”. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro. 2016.

RATZEL, Friedrich. **Geografia do Homem (Antropogeografia)**. (Traduzido do italiano por Fátima Murad). In: Ratzel. MORAES, Antonio Carlos Robert (Org.). São Paulo: Editora Ática, 1990.

VARINE, Hugues. **As raízes do Futuro. O patrimônio a Serviço do desenvolvimento local**. Porto Alegre: Ed. Medianiz. 2012.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose, antropologia das sociedades complexas**. RJ. 1994.

XAVIER, Ismail. Organizador. **A Experiência do Cinema.** Antologia. Ed. Paz e Terra. SP. 2018.

ZOURABICHVILI, Francois. **O Vocabulário de Deleuze.** Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Coleção Conexões, 2009.





